

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DÉBORA SANTOS RODRIGUES

**A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: as percepções dos alunos da escola Centro de
Ensino América Central em Morros - MA**

São Luís

2017

DÉBORA SANTOS RODRIGUES

**A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: as percepções dos alunos da escola Centro de
Ensino América Central em Morros - MA**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais
da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção
do Grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Leandro Augusto dos
Remédios Costa

São Luís

2017

Rodrigues, Débora Santos.

A sociologia no ensino médio: as percepções dos alunos da escola Centro de Ensino América Central em Morros – MA. / Débora Santos Rodrigues. – São Luís, 2017.

77 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Prof. Me. Leandro Augusto dos Remédios Costa.

1. Ensino. 2. Escola América Central. 3. Sociologia. I. Título.

CDU 316:373.5(812.1)

DÉBORA SANTOS RODRIGUES

**A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: as percepções dos alunos da escola Centro de
Ensino América Central em Morros- MA**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais
da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção
do Grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Leandro Augusto dos Remédios Costa (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Me. José Antônio Ribeiro Carvalho (Examinador)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Me. José Domingos Cantanhede Silva (Examinador)
Universidade Estadual do Maranhão

A minha mãe, Maria do Socorro Rodrigues e a todos aqueles que possam utilizar-se dessa obra.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora, por guiarem os meus passos.

A minha mãe e meus irmãos pelo apoio incondicional.

A Talitha Meireles pelo companheirismo de sempre.

Ao professor Leandro Augusto dos Remédios Costa, pela orientação.

A Universidade Estadual do Maranhão, pela oportunidade de expor sobre este tema.

“A Educação é ela, também, uma pseudo Educação, na medida em que, na sociedade industrial capitalista, o indivíduo foi destruído e só prevalece a massa, o coletivo, o tudo igual”.

Rita Amélia Teixeira Vilela

RESUMO

O presente trabalho se inscreve num conjunto de reflexões sociológicas que tem como tema a Sociologia no ensino médio. A problemática de pesquisa adotada visa compreender como processos de socialização e escolarização dos alunos contribuem para sua percepção sobre a Sociologia. Diante disso o objetivo estabelecido foi analisar a relação entre a escolarização e socialização dos alunos do ensino médio da Escola Centro de Ensino América Central e a percepção destes sobre a Sociologia.. Construimos tal analise na escola Centro de Ensino América Central, localizada na cidade de Morros. Para tanto identificamos o processo de formação da Sociologia no Brasil enquanto ciência e disciplina, além de analisar o ensino de Sociologia na escola América Central e compreender a percepção dos alunos sobre esse ensino. Do ponto de vista metodológico, após uma revisão bibliográfica, mobilizou-se questionários, entrevistas e observações diretas nas aulas. Toda a construção se orientou por a uma perspectiva durkheimiana de que as formas de representação social, estão ligadas as formas de organização social.

Palavras-chave: Ensino. Escola América Central. Sociologia.

ABSTRACT

The present work is part of a set of sociological reflections that has the theme of Sociology in high school. The research problem adopted aims to understand how the processes of socialization and schooling of the students contribute to their perception about Sociology. In view of this, the objective was to analyze the relationship between schooling and socialization of high school students of the Central American School of Education and their perception about Sociology. We constructed this analysis in the Central American School of Education, located in the city of Morros. For this, we identify the process of formation of Sociology in Brazil as a science and discipline, besides analyzing the teaching of Sociology in the Central America school and understanding the students' perception of this teaching. From a methodological point of view, after a bibliographical review, questionnaires, interviews and direct observations were mobilized in class. The whole construction was guided by a Durkheimian perspective that the forms of social representation are linked to the forms of social organization.

Keywords: Teaching. School America Central. Sociology.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos de alunos	56
Tabela 2 - Escolarização dos pais dos alunos do Centro advindos de escola pública	57
Tabela 3 - Profissão dos pais dos alunos do Centro advindos de escola pública	58
Tabela 4 - Escolarização das mães	58
Tabela 5 - Profissão das mães dos alunos advindos de Escola Pública	59
Tabela 6 - Escolarização dos pais dos alunos dos Bairros	61
Tabela 7 - Profissões dos pais dos alunos dos Bairros	61
Tabela 8 - Escolarização das mães dos alunos dos Bairros	62
Tabela 9 - Profissão das mães dos alunos dos Bairros	62
Tabela 10 - Escolarização dos pais dos alunos da Zona Rural	63
Tabela 11 - Profissão dos pais dos alunos da Zona Rural	63
Tabela 12 - Escolarização das mães dos alunos da Zona Rural	64
Tabela 13 - Profissão das mães dos alunos da Zona Rural	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A SOCIOLOGIA NO BRASIL E SUA FORMAÇÃO ENQUANTO CIÊNCIA E DISCIPLINA.	13
1.1 O pensamento social	13
1.2 Disciplina e Ciência	17
1.3 Institucionalização e profissionalização do ensino de sociologia	23
1.4 A reintrodução da sociologia no ensino público	26
2 O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA AMÉRICA CENTRAL	31
2.1 A escola América Central	31
2.2 A escola como um campo autônomo	35
2.3 O corpo Docente e as Disciplinas	37
2.4 O ensino de Sociologia na Escola América Central	44
3. AS PERCEPÇÕES DO ALUNATO SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA	50
3.1 Os alunos do América Central	50
3.2 Escola e Família	55
3.3 As percepções dos alunos sobre a Sociologia	66
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a escolarização e socialização dos alunos do ensino médio da Escola Centro de Ensino América Central e a percepção destes sobre a Sociologia. O campo empírico sobre o qual este trabalho será realizado trata-se da escola Centro de Ensino América Central, localizada no interior do Maranhão na cidade de Morros. Tal escola fora fundada em 1992, sendo essa, direcionada para o ensino médio regular em meio período. Fora realizada tal pesquisa com os alunos do 3º ano, por entender que esses tem uma familiaridade com a disciplina sociologia por tê-la nas séries anteriores.

A inserção nesse tema de pesquisa se deu a partir da experiência no Programa de Iniciação a Docência (PIBID), que instigou ao tema da educação e sociologia. Estando em contato por três anos com os alunos do ensino médio em tal programa, fez com que a indagação de como esses alunos percebem a Sociologia surgisse. A sociologia é uma disciplina que pretende fazer com que os alunos desenvolvam uma imaginação sociológica, os tornando críticos, na teoria. A questão é conhecer se esses alunos reconhecem a sociologia de fato tal como na teoria.

A escolha pelo Centro de Ensino América Central fora motivada pela minha naturalidade de Morros, e por ser ex-aluna dessa instituição. Fato, que possibilitou o acesso a escola e a permissão para a pesquisa.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi fundamental a reflexão sobre o ensino de sociologia a partir da perspectivas dos autores Luciana Fiorelli Silva (2009), Simone Meucci (2015), Juarez Lopes de Carvalho Filho (2014), Maria da Glória Gonh (2009) e Amaury Moraes (2011). Da mesma forma esse trabalho se inscreve na perspectiva analítica de Emile Durkheim e Pierre Bourdieu. Fora apropriada a perspectiva durkheimiana, postulada por Bourdieu, de que as formas de representação social estão ligadas as formas de organização social. Para tanto, descrevemos a organização da escola, como as disciplinas, corpo docente e alunos para compreender as percepções destes últimos sobre a Sociologia.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho mobilizou técnicas de pesquisas consideradas pertinentes para alcançar os objetivos estabelecidos. Inicialmente realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a formação da Sociologia enquanto ciência e disciplina, fora aplicado um questionário com 74 alunos visando entender os processos de escolarização e profissionalização dos pais e antecedentes do alunato, partindo da compreensão de Bourdieu (2007), que uma análise multivariada permite explicar os diferentes graus de êxito obtidos por

esses diferentes subgrupos. Por fim foram realizadas 24 entrevistas tendo como objetivo entender como a Sociologia se organizava/organiza na escola América Central, para assim compreender as percepções dos alunos sobre essa ciência.

Este trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a sociologia no Brasil e sua formação enquanto ciência e disciplina. A Sociologia na sua institucionalização esteve ligada há esses dois campos, ciência e disciplina, não havendo uma separação nesses, são dois campos compostos. Demostramos os processos de intermitência que o ensino de sociologia esteve submetido.

No segundo capítulo tratamos do ensino de sociologia na escola América Central, para tanto caracterizamos o nosso campo empírico através da organização escolar, disciplinas, corpo docente e os alunos pesquisados. Tratamos a escola como um campo autônomo, todos esses fatores foram observados para compreendermos como se dar o ensino de sociologia nessa instituição.

No terceiro capítulo tratamos das percepções do alunato sobre o ensino de sociologia, para tanto, realizamos uma caracterização social dos alunos. Buscamos compreender todas as variáveis desse alunato, trazendo o tema da escola e família para tal análise. O que nos possibilita compreendermos as percepções destes, sobre o ensino de Sociologia.

1 A SOCIOLOGIA NO BRASIL E SUA FORMAÇÃO ENQUANTO CIÊNCIA E DISCIPLINA.

Este capítulo tem como objetivo reconstituir alguns aspectos históricos da formação da sociologia enquanto ciência e de sua institucionalização enquanto disciplina, caracterizando suas formas intermitentes.

O capítulo tem quatro sessões, a primeira, intitulada o pensamento social irá tratar da formação da Sociologia no Brasil através dos chamados pensadores sociais. Para tanto trazemos a contribuição de Antônio Cândido (1959), Fernando Azevedo (1962) e Renato Ortiz (1990), que nos ajudaram na construção dessa sessão. Na segunda, intitulada disciplina e ciência irá tratar desses dois campos que a sociologia transcorreu, não podendo os distinguir. Para essa análise usaremos a contribuição dos autores Antônio Cândido (1959), Edison Junior (2012), Enno Filho (2005), Luciana Fiorelli Silva (2010), e Renato Ortiz (1990) que nos ajudam a compreender que ciência e disciplina na formação da Sociologia no Brasil formaram dois campos cruzados.

A terceira sessão, intitulada institucionalização e profissionalização do ensino de sociologia, irá tratar das medidas tomadas no período da ditadura que afetou diretamente essa ciência. Apesar das incertezas a Sociologia experimentou nesse período, uma pequena mais significativa expansão institucional do ensino e da pesquisa. Utilizaremos na construção dessa sessão os autores Enno Filho (2005) e Renato Ortiz (1990) que nos ajudam na análise desse período. A quarta sessão, intitulada a reintrodução da sociologia no ensino público, irá tratar do ensino de Sociologia, que passando por intermitências, só foi repensado no ensino público nos anos de 1990 a 2000, e esse processo de reintrodução esteve muito ligado à redemocratização do Brasil, após os anos de regime militar. Para tal construção, utilizaremos os autores Amaury Moraes (2011), Luciana Fiorelli Silva (2010), Maria da Glória Gonh (2009) e Simone Meucci (2015) que em suas pesquisas discorreram sobre o tema.

1.1 O pensamento social

Para Antônio Cândido, a formação da Sociologia no Brasil pode ser identificada a partir de dois períodos entre 1880-1930 e depois de 1940. Quando se busca entender a configuração da Ciência Social no Brasil, não temos estudos propriamente científicos antes de 1940, e não se encontravam espaços de formação de um pensamento científico.

No primeiro período, a produção do pensamento sociológico brasileiro estava imersa na Literatura, Filosofia e nos Institutos de Direito, Medicina, História e Geografia. Para Candido, coube aos juristas do século XIX o pensamento social dominante no Brasil, e aos mesmos eram dadas as tarefas de definir um Estado moderno e realizar uma interpretação da vida econômica e a estrutura política. Nesse primeiro período, a Sociologia era praticada por intelectuais não especializados, que buscavam formular teorias e que interpretavam a sociedade brasileira de modo geral, e não se tinha registro de seu ensino. (CANDIDO, 1959).

Para Candido: “duas palavras devem ser invocadas para se entender a formação da Sociologia brasileira: Direito e Evolucionismo”. Partindo dessa compreensão pode destacar o que os pensadores da época, por estarem envolvidos e influenciados pelo evolucionismo, tinham uma linha de pesquisa voltada, para questões como os fatores naturais, a raça opondo-se a visão racista, a grande preocupação com as etapas históricas, e eram estudos gerais e sínteses explicativas (CANDIDO, 1959).

Esses pensadores sociais, para Azevedo (1962), foram os pioneiros da nova Ciência no Brasil, eram autodidatas, eruditas ou diletantes, que inspirado nas obras de pensadores estrangeiros, formulavam seus trabalhos. O interesse desses pensadores sociais pelo conhecimento sociológico corresponde à prevaricação da ordem social escravocrata, o que os interessava não era o pensamento sociológico em si, mais a conexão que os mesmos faziam da realidade social com o Direito, a História e outras ciências.

Esses estudiosos não especializados em seus estudos sobre as comunidades indígenas e os negros no Brasil, abriram caminho para uma posterior institucionalização do ensino e da pesquisa, para Azevedo (1962), eles construíram o ponto de partida para o crescimento da Sociologia. Com isso, tivemos um acréscimo ao pensamento sociológico e político brasileiro, tendo como referências o positivismo e o evolucionismo.

É possível observar que essa nova ciência, ao adentrar no pensamento científico brasileiro, é conduzida pelas elites, sendo possível por meio desses pioneiros pensadores sociais, com seu acesso as obras dos intelectuais estrangeiros, servindo como grande influencia para esses pensadores a obra de Durkheim. O positivismo, para esses primeiros intelectuais autodidatas, estava ligado a obra durkheimiana, no entanto, para alguns atores, não foi o positivismo em si que influenciou os pensadores da época, e sim o próprio pensamento durkheimiano.

Quanto à influência do evolucionismo, destaca a contribuição de Antônio Cândido para entender como essa linha de pensamento foi referência para esses pensadores:

(...) É preciso salientar que o evolucionismo não constituiu importação artificial de modas europeias, mas se adequou a várias das nossas realidades locais, de povo que procurava justamente construir de si mesmo uma representação coerente no plano ideológico, preocupado com o peso do passado escravocrata, as possibilidades do desenvolvimento do futuro, o significado positivo ou negativo que teria nesse processo as raças díspares e a decorrente mestiçagem (...). (CANDIDO, 1959, p 272).

Apesar das referências estrangeiras, os pensadores sociais elaboraram fórmulas brasileiras dos estudos da realidade do país nesse período. Antônio Candido relata que foi a partir de Euclides da Cunha que esse pensamento se constituiu como uma reconstrução do passado, que se habituavam a certos pontos de vista do presente. (CANDIDO, 1959). Nessa reconstrução, a intuição pessoal se misturava no estudo, e o cientista se transformava em um escritor, a partir dessa constatação destaca-se os pensadores sociais, Euclides da Cunha e Silvo Romero.

Talvez a primeira manifestação do que seria considerado Sociologia no Brasil, durante quase meio século, encontre na obra de Silvio Romero intitulada, *Introdução à história da Literatura brasileira*. (CANDIDO, 1959). Em tal obra Silvio Romero estabeleceu parâmetros que nortearam os estudos sociais no Brasil por muitos anos; o autor ao interpretar o sentido da evolução cultural e institucional segundo os fatores naturais do meio e da raça possibilita tal efeito, segundo Candido.

A contribuição de Silvio Romero para a Sociologia não estava ligada a sua teoria, mas sim na atividade de pesquisa das tradições orais, que foi o primeiro a ir em busca desses dados no Brasil, contidos nas obras (*A poesia popular no Brasil*, 1883; *Cantos populares do Brasil*, 1883 e *Contos populares do Brasil*, 1885). Já Euclides da Cunha, formado em Engenharia, ao ser enviado para noticiar contra os rebeldes de Canudos, sentiu-se angustiado pelo drama que viu, o sociólogo recaiu sobre Euclides de imprevisto. Do que presenciou, pode fazer uma análise dos problemas sociais do Brasil daquela época, acreditava que tudo aquilo era condicionado, buscava explicação no determinismo naturalista, daí vemos a grande influência do darwinismo social. (CANDIDO, 1959).

Embora Euclides da Cunha não tivesse uma formação sociológica. Candido diz ser surpreendente a acuidade sociológica demonstrada na descrição e análise da sociedade brasileira, o que possibilita constatar que o autor partiu da análise da segregação geográfica e cultural, retratando uma situação de conflito entre a cultura dos sertanejos que se desenvolvia nas regiões litorânea, e o progresso moderno. Isso possibilitou a Euclides extrair a teoria de dois *Brais*.

Essa análise da sociedade sertaneja realizada por Euclides se torna um marco para o pensamento sociológico no Brasil com o livro *Os sertões*. Sobre essa grande obra Candido relata:

Além da visão sociológica, o livro vem marcado por qualidades literárias de tão elevado teor, que a penetração na sociedade e nos fatos estudados se opera com profundidade divinatória, revelando bruscamente, como de fato revelou, a complexidade dramática da sociedade brasileira à consciência algo adormecida dos seus intelectuais e políticos. *Os sertões* (1902) constitui um marco: a partir daí os estudiosos seriam levados irresistivelmente a intensificar o estudo da nossa sociedade de um ponto de vista sistemático, superando tanto as preocupações de ordem estritamente jurídica como as especulações demasiadas acadêmicas. Euclides da Cunha impusera definitivamente a ‘realidade brasileira’.” (CANDIDO, 1959, p. 278).

Silvio Romero e Euclides da Cunha estavam ligados ao que Ortiz (1990) retrata de folcloristas, que embora não tenham pensado em seus estudos em uma Sociologia, suas obras descreveram a sociedade da época se utilizando de objetos de estudos que posteriormente foram utilizados também como estudo pela Sociologia. Vale ressaltar que tivemos estudiosos rotulados como historiadores, geógrafos, juristas e etc..., que com suas obras deixaram um legado importantíssimos para a formação do pensamento sociológico brasileiro, tais como, Caio Prado Júnior (Filosofia e Sociologia do Direito, 1940), Sergio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil, 1936) e Gilberto Freyre (Casa grande & senzala, 1933).

Para Ortiz (1990), os assuntos abordados no Brasil do final do século XIX até 1940 eram referentes à cultura indígena, a questão racial e ao folclore, esses assuntos estavam ligados às problemáticas pertinentes nesse período inerente à “identidade brasileira”. Com isto, o autor inicia assim uma discussão em torno da formação da sociologia brasileira, tendo como centro os sociólogos e os folcloristas, e também retrata que as análises sobre uma cultura popular que antecede uma Ciência Social nas Universidades.

O pensamento brasileiro nessa época estava voltado para questões como a literatura, a filosofia, o discurso político, e esses se misturavam. Ortiz retrata que com a universidade moderna era conduzida para o desenvolvimento de uma autonomia científica, não mais ligada a essas questões puramente como interpretações, mas com um estudo dessas circunstâncias, vistos por outros moldes, com as mesmas temáticas, porém, cabendo a Sociologia reinterpretá-las.

O que diferencia os estudos folcloristas dessa nova percepção, que nasce com a Universidade moderna, é a Sociologia. Para Ortiz, o folclore é um fato social, sendo assim, o mesmo deve ser examinado de forma objetiva e eficiente e para tal é necessária uma formação sociológica.

No Brasil, as análises sobre a cultura popular antecedem uma Ciência Social propriamente universitária. (ORTIZ, 1990), os sociólogos estudavam uma disciplina com temas tradicionalmente vinculados aos Institutos de Geografia e História, o que ocasionou esse entrave entre Sociologia e Folclore. Os sociólogos adentravam num campo já institucionalizado, porém não científico, e era isso que a Sociologia buscava, dá cientificidade a análise da cultura popular; então sobre essa nova disciplina, que emergia e tinha melhores condições de tratar sobre essa cultura popular, Renato Ortiz afirma:

(...) Ponderar que o Folclore não é uma ciência significa dizer que outra disciplina (Sociologia ou Antropologia) tem melhores condições para tratar da cultura popular do que o antigo saber classificatório dos folcloristas. Talvez pudéssemos dizer que a geração de sociólogos paulistas, ao ‘roubar’ dos autores que os precederam seus velhos temas, estavam afirmando: a partir desse momento, não é possível escrevermos sobre o Brasil sem levarmos as formas específicas do conhecimento científico. A continuidade temática não se constitui, portanto em simples prolongamento do passado, ela revela uma ruptura formal: a emergência da Sociologia como Ciência.” (ORTIZ, 2002, p. 166).

Para Ortiz, há uma coincidência histórica entre a emergência da Sociologia acadêmica e a institucionalização do Folclore a nível nacional, e é visto que os sociólogos enfrentaram um embate com os folcloristas sobre o campo de estudo, que era o mesmo. Nesse momento se começa a pensar em Sociologia no Brasil, não como uma mera reprodução do passado, mas como um saber científico que se constituiria na formação da Sociologia enquanto Ciência no Brasil.

Vale destacar a importância desses pioneiros pensadores sociais do Brasil, pois foram os estudos folcloristas que proporcionou aos sociólogos brasileiros pensar a sociedade com uma raiz mais científica. Todavia, não podemos esquecer que foi através do ensino que as Ciências Sociais iniciara no Brasil, então, sua configuração como ciência e ensino se deu de forma simultânea; é sobre essa ótica trataremos o tópico a seguir.

1.2 Disciplina e Ciência

Para entender como a Sociologia, em sua formação acadêmico-científica, se constitui precisa compreender que, no Brasil, a história dessa disciplina se enreda em um caminho cruzado entre esses dois campos. Não se pode falar em pesquisa, sem falar em ensino, pois no processo de sua formação no Brasil, a Sociologia transcorre pelo campo da ciência e pelo campo da educação (SILVA, 2010).

Os pensadores brasileiros, já tendo uma consciência sobre os fatos que permeavam a sociedade brasileira, os mesmos já haviam elaborados alguns posicionamentos

sobre esses fatos, tendo utilizado de disciplinas como História, Geografia, e as Ciências Sociais como um todo. Para Candido, faltava-lhes dar o passo decisivo para se incorporar a vida intelectual desses pensadores: enriquecimento e modernização da teoria de um lado; opção decidida pelos métodos diretos de pesquisa empírica da realidade presente, de outro (CANDIDO, 1959).

O modo como o ensino no Brasil se organizou durante esses períodos, está diretamente ligado aos espaços de institucionalização da Sociologia acadêmico-científica. Em 1925, a Reforma de João Luís Alves-Rocha Vaz inclui a Sociologia nas Escolas Normais e Secundárias, sendo esse um marco fundamental para a institucionalização da Sociologia no Brasil, no que se refere à ciência e disciplina.

O contexto que surge essa Reforma está submetido há uma percepção de crises que se encadeavam no Brasil nessa época; esse passo fundamental de institucionalização da Sociologia se constituiu como um passo importante que essa disciplina assumiria para a elite brasileira (MEUCCI, 2015). A Lei Rocha Vaz, empreendia uma ideia de se constituir numa organização do sistema de ensino secundário e superior, ou seja, a lei propunha uma forma de organizar esse ensino. Vale salientar que essa lei não atingia o Brasil como um todo, pois não atingia toda a população brasileira da época.

Meucci retrata em seus estudos o que pretendia tal Reforma e a quem ela se destinava:

O ensino, nestes níveis, foi considerado, meio valioso para cultivar uma cultura média entre aqueles a quem era acessível – pouco mais de 100 mil estudantes em meio a uma população com cerca de 30 milhões de habitantes em que 70% eram analfabetos. (...) podemos considerar a Reforma Rocha Vaz uma manifestação titubeante de uma dupla aspiração: o desejo de encontrar uma nova forma mais centralizada de ensino e, mais modestamente, a vontade de rotinizar alguns conhecimentos que favorecem a compreensão dos fundamentos antiliberais da vida social. (MEUCCI, 2015, p. 252).

Essa Reforma Rocha Vaz, segundo Silva (2010), criou um mercado de ideias, de conteúdos que precisavam ser sistematizados e dinamizados, e através disso, muitos pensadores, formados em Direito, Medicina entre outros, buscaram sua especialização em Sociologia, e foram esses pensadores que na década de vinte no século XIX, com a criação das primeiras cátedras em Escolas Normais (1924-25), submetida como uma disciplina auxiliar da pedagogia, que exerceram o ensino dessa disciplina.

Com essa inserção, o mercado que se destacou foi o de livros didáticos, esse material, que por si só possuía uma função pedagógica e persuasiva, segundo Meucci (2000), uma vez que tinham que tornar compreensível e legitimar os conhecimentos e os procedimentos fundamentais para a formação dos primeiros portadores dessa ciência. Para a

autora, os primeiros manuais de sociologia são parte valiosa do processo de institucionalização dessa disciplina.

Vale ressaltar, que antes do Brasil ser inserido com esses livros didáticos escritos por autores brasileiros, já se fazia presente no país obras de autores estrangeiros, que também foram fundamentais na construção de um pensamento sociológico brasileiro.

As influências para a institucionalização da Sociologia acadêmica e científica foram inúmeras. Para Silva (2010), entre 1931 e 1941 pode-se perceber, nas medidas tomadas em relação ao ensino no processo de configuração da Sociologia na Escola Secundária e no Ensino Superior, que também possibilitou e foi um suporte no processo de consolidação do pensamento sociológico brasileiro, medidas que interferiram na Sociologia de forma positiva e/ou negativa, essa ciência/disciplina passou por várias intermitências.

Em 1931, tivemos A Reforma Francisco Campos que propôs a organizar o Ensino Secundário em um período cursado de cinco anos e num ciclo complementar dividido e, três opções destinadas à preparação para o ingresso nas faculdades de Direito, de Ciências Médicas e de Engenharia e Arquitetura.

A Sociologia foi incluída como disciplina obrigatória no 2º ano dos três cursos complementares (SILVA, 2010). Essa reforma se constituiu por ter um caráter livresco, antidemocrática e elitista, mais uma vez não se atendia todas as classes sociais. A partir desse momento, a Sociologia surge como uma disciplina obrigatória para os candidatos a ingressarem no ensino superior.

O pensamento da época era que o conhecimento da Sociologia só poderia ser perpassado para a sua elite, que se julgava superior e conquanto detinha do monopólio do saber sobre as questões sociais. A sociologia, não foi apenas mero ornamento, mas, também uma disciplina normativa, prescritiva de noções de civilidade a até de higienismo. (MEUCCI, 2015). Essa Sociologia da época não retratava o que de fato ocorria na sociedade brasileira, o ensino sobre o Brasil hominizava a realidade social, as desigualdades eram escondidas.

Em 1933 tivemos a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, no ano seguinte, a Fundação da Universidade de São Paulo, como um fator importantíssimo para a formação da Sociologia no Brasil. O pensador Fernando de Azevedo, foi primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que fora criada para anteder a elite paulista, que antes enviavam seus filhos para estudar na Europa. A Fundação da USP constituiu num marco para a formação do pensamento dessa ciência no Brasil.

Em 1935, teve a introdução da Sociologia como disciplina no curso normal do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis. Nesse decênio de 1930, como observamos,

se caracterizou a emergência do ensino de Sociologia, ligada as condições políticas e sociais que sucederam a revolução de 1930; isso possibilitou a necessidade de se conhecer melhor o nosso país, a sociedade moderna juntamente como os conflitos que se deram com essas transformações.

Em 1942, é a retirada da obrigatoriedade da Sociologia nos cursos secundários, permanecendo nos cursos normais. No ensino secundário a sua divisão se deu em duas modalidades: científica e clássica, sendo que a Sociologia não era reconhecida em nenhuma dessas esferas. Apesar da retirada da obrigatoriedade da Sociologia com a Reforma Capanema, Silva (2010) relata que se registrou uma inflexão da Sociologia nos períodos seguintes (1942-1964), o que não impediu que os espaços de pesquisas nas universidades e centros de investigação destinados a pesquisa continuassem sendo ampliados, pois esses eram particionados pelos Governos Federal e Estaduais e por agência internacionais.

No período entre 1930 e 1964, ocorreu a formação da “comunidade dos sociólogos”. Todo o contexto, que se incluía a expansão do capitalismo, a urbanização e industrialização, provocaram mudanças na sociedade brasileira que refletiu no seu sistema de ensino, o que também foi um fator que possibilitou a formação do pensamento sociológico brasileiro. Meucci(2015), formula a hipótese que nesse período das décadas de 30 e 40 a Sociologia foi um objeto de representações contraditórias.

No ensino secundário essa disciplina era condenada pelo o que tinha de antidemocrática, por não alcançar todas as classes sociais e no ensino superior trouxe grande contribuição para o pensamento de democratização do país, pois fora pensada sua realidade social (MEUCCI, 2015). A Sociologia só é constituída realmente no Brasil como atividade reconhecida e produtiva a partir de 1940.

Nos anos 50 e 60 a mobilização político-ideológica dessa época criou condições favoráveis à expansão da pesquisa e ensino nas Ciências Sociais. Foi nesse período que foi criada a primeira LDBN, 4.024/1961, porém apesar desse marco a Sociologia não foi obrigatória no currículo escolar passando a ser optativa.

Os principais temas que se abordavam nesse período estavam ligados à população, imigração e colonização, educação, estudos de comunidades, análises regionais e Sociologia rural-urbana. (FILHO, 2005). Essa etapa que se situava a sociologia no Brasil tem seu marco fundamental na formação da “Escola de Sociologia Paulista” ou “Escola da USP”, fundamental para organização de um grupo de sociólogos.

Esse grupo tinha preocupações com as possibilidades de um desenvolvimento democrático. A Sociologia passa por um processo de afirmação e consolidação enquanto

ciência e disciplina. Os anos 50 foram marcados por um processo da chamada “Sociologia Autêntica” (FILHO, 2005). Duas figuras centrais nesse processo de consolidação da Sociologia no Brasil surgem: Guerreiro Ramos, com a proposta dessa Sociologia Autêntica que buscava contribuir para um processo de libertação nacional; e Florestan Fernandes.

Para Ortiz (1990), Florestan condensa a evolução do pensamento acadêmico que florescia em São Paulo, propondo métodos e formação que fosse puramente do saber científico e se empenhava na formulação de uma disciplina específica entre nós.

Nesse sentido pode-se retratar os pensamentos de Florestan Fernandes e Guerreiros Ramos que propunham diferentes formas de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil.

A polêmica entre os dois autores teve início no II Congresso Latino Americano de Sociologia realizado nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro em 1953, no qual Guerreiro Ramos apresentou propostas¹ quanto a Sociologia nos países latino-americanos que, apesar de rejeitadas, tiveram grande repercussão. Para Ramos, os estudos das “miudezas” sociais não eram uma solução para o país, pois era necessário prestigiar os estudos dedicados à compreensão da nação e que esses visassem um rumo possível para o desenvolvimento do Brasil. (JUNIOR, 2012).

Em contraposição as propostas de Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes em 1958, publica em forma de artigo: *A etnologia e Sociologia no Brasil*, que continha no seu quinto capítulo, a contraposição as propostas de Guerreiro. Para Florestan, não se poderia evitar fazer estudos sobre as “miudezas”, tendo em vista que por ser um país heterogêneo a única forma de se adquirir um conhecimento da realidade brasileira que fosse seguro seria estudar suas particularidades.

O Brasil sendo um país tão multifacetado, para entender o todo é preciso buscar sua particularidade, com rigor científico. Florestan Fernandes buscava rupturas com o passado, proporcionando um novo olhar sobre o saber científico.

Em relação ao ensino, Guerreiro tinha em sua concepção que tal ensino não deveria ser encarado como uma simples forma de vulgarização, mas, como um modo de definir uma consciência crítica dos problemas que se faziam presentes na sociedade brasileira; Guerreiro dava utilidade a essa disciplina com um propósito libertário e que conscientizasse seus estudantes, transmitindo um saber que supriria a alienação do povo. Porém, havia certo

1 Ver : ANAIS DO II CONGRESSOS DE SOCIOLOGIA, 1953.

ceticismo quanto ao ensino de sociologia no Brasil, visto que a sociedade brasileira não possuía mecanismo para o exercício do ensino dessa ciência.

Apesar dessas constatações, Guerreiro acreditava que a Sociologia deveria ser passada para todos, para os leigos para que eles se auto conscientizassem de sua realidade. O ensino escolar de sociologia seria o meio pelo qual esse conhecimento deveria chegar na sociedade brasileira, para tanto era preciso que a sociologia rompesse com seu caráter “profissional”, e atingisse a população como um todo, e o seu ensino era o mecanismo para tal ação.

Florestan Fernandes rebateu tal posição de Guerreiro, afirmando que se constitui um estudo que estivesse de acordo com a realidade brasileira, e com isso, não poderia servir como garantia para uma autoconsciência da nossa realidade. Florestan Fernandes também se demonstrou acético quanto ao êxito do ensino da Sociologia inserido no contexto do ensino como um todo da época; precisariam ser feitas mudanças que visassem constituir nas gerações mais novas técnicas racionais de manipulação dos problemas econômicos, políticos, sociais e administrativos, que essas gerações pudessem ser agentes ativos nas transformações de tais problemas.

Para Florestan a Sociologia não poderia ser vista de tal forma, primeiro ela deveria se constituir como uma ciência, para assim atuar na transformação social e chegar a todas as esferas da sociedade. Florestan também propunha um trabalho científico como um padrão rigoroso, pois só assim conseguiria intervir nos problemas racionais, ou seja, o autor propunha um saber científico que fosse especializado, já o ensino escolar dessa disciplina serviria apenas como um manipulador de técnicas racionais.

Não poderia se pensar o ensino escolar de sociologia tal como Guerreiro, como uma consciência social dos problemas presentes no país, pois para Florestan o ensino direcionado para essa atitude não garantiria autoconsciência social. Essas discussões entre o autores se mostraram valiosíssimas para a construção do pensamento sociológico brasileiro.

O debate entre esses dois sociólogos teve em sua raiz diversas motivações, no que se constituiu na disputa entre Instituições a ISEB versus USP, que ocasionou em uma disputa entre a sociologia pensada no Rio de Janeiro e uma Sociologia paulista. Os autores divergiam também na forma como enxergavam a Sociologia. Florestan Fernandes via a mesma como uma ciência positiva que transmitia o social, tendo como modelos Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Guerreiro Ramos era mais acético e tinham raízes na filosofia, conquanto aceita a Sociologia como uma ciência empírico-indutiva. (JUNIOR 2012).

Sendo assim, Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes foram muito importantes na institucionalização da sociologia no Brasil. Com suas divergências nos pensamentos sobre a Sociologia no país, eles contribuíram para a mesma. Para Guerreiro Ramos, a sociologia deveria relegar seu caráter profissional, esotérico, postar-se ao alcance da população (dos leigos), e reunir numa práxis ampliada uma forma de explicação racional e efetivamente transformadora consequente com valores e aspirações nacionais. Assim, para Guerreiro Ramos o ensino da sociologia, seria uma forma de tornar acessível esse saber ao senso comum, para que o mesmo possa torna-se efetivamente um saber de salvação. Já Florestan Fernandes via o ensino da sociologia como uma disciplina que serviria somente à “manipulação de técnicas racionais”, à atualização da mentalidade em preparação para o progresso social, não como consciência social dos efeitos do problema do país, pois uma formação adequada ainda que cientificamente, não garantia autoconsciência social.

Nesse período, marcado pela redescoberta da Sociologia como ciência e disciplina no Brasil, e a contribuição de pensadores que ajudaram na construção dessa formação, tivemos o período do Regime Militar que se instaurou no país. Como veremos no tópico a seguir, esse período trouxe muitos embates e mudanças pra sociedade brasileira. Para a Sociologia, verificou-se o início do período de crise, o que se permitiu pensar na sua profissionalização e enriquecer sua institucionalização.

1.3 Institucionalização e profissionalização do ensino de sociologia

Com o advento da ditadura no Brasil, a Sociologia ainda permanecia fora das escolas secundárias, ainda que mantendo-se nas universidades. Nesse período verificou-se o início de uma crise e diversificação da Sociologia brasileira, novas medidas foram tomadas que afetaram diretamente essa ciência.

Em 1969, o decreto de Lei 869 (Brasil, 1969), incorporou a disciplina Educação Moral e Cívica ao ensino Secundário, a qual permaneceu por muitos anos, e coube a essa nova disciplina cumprir as funções normativas que antes a Sociologia se encarregava. No decorrer da Ditadura Militar a Sociologia esteve muito restrita ao campo de formação dos professores primários. Esse momento na história do país, a Sociologia esteve marcada pela crise institucional e profissional, advindas das medidas repressivas como cassações, prisões, exílios e desaparecimentos (FILHO, 2005).

Sobre o golpe militar e como a Sociologia foi afetada, Filho retrata:

O impacto negativo da instauração do regime autoritário sobre a evolução sociológica brasileira está relacionado diretamente com o golpe de 64 e com o golpe

dentro do golpe' de 1968 que tem no AI-5 seu marco principal. O fechamento do ISEB, em 1964, os IPM e as cassações pareciam indicar que as ciências sociais brasileiras estavam entrando em um período recessivo. O fechamento da ISEB em 1964 pelo regime militar e as cassações de cientistas sociais em 1969, assim como o impacto negativo da repressão cultural-educacional aos níveis universitários e das condições de exercício profissional. (FILHO, 2015, p. 396).

A sociologia enfrentou nesse período momentos de dúvidas e indefinições, porém apesar de todo esse processo a Sociologia no Brasil experimentou uma pequena mais significativa expansão institucional do ensino e da pesquisa.

Para Ortiz (1990), alguns autores começam a dividir a história das Ciências Sociais no Brasil antes e após 64. Não se tratava mais em construir uma diferença entre o conhecimento acadêmico e senso comum, e nem o debate entre Florestan e Guerreiro, e sim o processo de profissionalização e institucionalização dessa disciplina. A Sociologia nesse período teve uma expansão no que se refere à criação e consolidação dos cursos de pós-graduação que atuavam como centros de pesquisas e na política de financiamento dessas pesquisas, isso depois da Reforma Universitária de 1968 pela Lei nº 5.540/68, que introduziu novas regras de requerimentos para a carreira universitária.

Ortiz retrata que as organizações como a Fundação Ford, Finep, Capes, CNPq, FAPESP, iniciaram um apoio as Ciências Sociais, tendo como fator ainda mais importante para a consolidação dessa ciência no Brasil a criação dos Programas de Pós graduação de Antropologia do Museu Nacional (1968) e na Unicamp (1971); de Ciência Política no IUPERJ (1969); de Sociologia, na Universidade Federal de Pernambuco (1967) e na Universidade de Brasília (1970); de Ciências Sociais, na Universidade Federal da Bahia (1968). Na década de 70 o surgimento de novos cursos se amplia para todo o Brasil. (ORTIZ, 1990).

Nesse momento a Sociologia passa de uma ciência que busca sua formação no Brasil, para uma ciência já consolidada no país, que agora norteia o espaço de discussão entre institucionalização e profissionalização. Mesmo com o período difícil do regime militar, tivemos um acréscimo do número de graduações em Sociologia e Ciências Sociais. Se faz necessário entender que isso está ligado ao processo de “expansão” e “privatização” do ensino superior; os sociólogos que tiveram seus registros cassados, não podendo lecionar em instituições públicas, recorreram às instituições privadas.

Acerca do que os sociólogos dessa época tinham como objeto de estudo, segundo Ortiz, a década de 70 é marcada por um paralelismo entre o desenvolvimento da Sociologia e o da sociedade brasileira. A ênfase nos estudos se dava agora pela temática da reativação da sociedade civil, com todo o legado ainda instaurado da ditadura no Brasil, o que houve foi uma dissociação da questão dos movimentos sociais em relação às condições macroestruturais

da sociedade brasileira (FILHO, 2005). Logo, a Sociologia passou a dedicar-se a estudar as identidades e representações sociais dos movimentos urbanos e rurais, e a ver a sociedade como um todo e como ela se organizava, passando a estudar também os movimentos, feministas e gay, movimento negro.

A Sociologia também passou a enxergar, com um olhar científico, os movimentos sociais, no quais, mostravam como a sociedade se organiza. A década de 70 por outro lado, também estava engrenada com uma expansão do mercado dos bens simbólicos, como os discos, livros, publicidade, cinema, televisão. (ORTIZ, 1990). Esse panorama retratava uma sociedade capitalista, que tinha um advento dos bens culturais.

Com todo esse processo recorrente na década de 70, houve um aumento no número de sociólogos que passam a trabalhar junto às fundações de pesquisas, as Secretarias de Estado e as empresas privadas, fornecedoras da indústria cultural e da publicidade. Por meio disso, surge então uma demanda profissional que ocasiona nos esforços de regulamentação da profissão, como a lei 72.493, julho de 1973 e o projeto de Lei do Senado N° 74, 1974². O que se pretendia com tal esforço, era a regulamentação de um profissional que tinha como atividade a realização de pesquisas e interpretação de dados socioeconômicos e culturais.

Para Ortiz, a geração pós 64 já encontrou as Ciências Sociais bem organizada, a insegurança entre ser ou não ciência já havia sido superada, a ditadura, apesar de reconhecidamente ter sido um período de trevas no país, não se constituiu assim para as Ciências Sociais.

Nesse período, com os programas de pós-graduação já mencionados, houve um aumento no financiamento de pesquisas e no número de sociólogos, e também em um esforço em profissionalizar o sociólogo, apesar de algumas cassações. A Sociologia e as Ciências Sociais, mesmo com algumas restrições, não deixaram de se expandir no país nessa época, e, devido a essa época de lutas e conscientizações, a Sociologia passou a ser mais democratizada, apesar de está em um regime autoritário, chegando a uma parte cada vez maior da sociedade brasileira, tanto suas teorias, como suas pesquisas.

Durante o período do governo de Médici, onde a repressão era feita de forma mais acentuada e violenta, houve o máximo de gastos e de apoio as Ciências Sociais, o que não

² A lei 72.493, julho de 1973, fora decretada no Capítulo I, no Art. 1º O Grupo – Outras Atividades de Nível Superior, designado pelo Código NS-900, abrange categorias Funcionais integradas de cargos de provimento efetivo, a que são inerentes atividades compreendidas nas áreas biomédica, de ciências e tecnologia e de ciências humanas, sociais, letras e artes, para cujo desempenho é exigido diploma de curso superior ou habilitação legal equivalente. No Art. 3º definiu a categoria funcional de Sociólogo com o Código NS-929. O projeto de Lei do Senado N° 74, 1974 regulamenta a profissão de Sociólogo.

significa, necessariamente, que houve uma diminuição nos danos sofridos nesses períodos, isto seria ilusório, pois sabe-se que as universidades sofreram grande repressão. Logo, cabe um estudo mais detalhado sobre o porquê desses investimentos, e a que essas pesquisas eram direcionadas.

Quanto à profissionalização o debate que se faz presente nas Ciências Sociais estava voltado à formação de professores. As Ciências Sociais por muito tempo no Brasil esteve voltada para a formação do pesquisador, e quando esses pesquisadores/professores iriam para a escola enfrentavam o problema da didática de ensinar, o que ocasionava uma antipatia por essa disciplina no alunato.

1.4 A reintrodução da sociologia no ensino público

Entra-se agora em outro momento da história da sociologia no Brasil. Passado esses 20 anos de ditadura, a sociedade brasileira se deparava com as consequências da concentração urbana e da propriedade fundiária, gerada por uma mobilidade e modernização que desprezava a igualdade e a distribuição de recursos (MEUCCI, 2015).

Vale ressaltar que a Sociologia saiu do currículo do ensino secundário no mesmo período que entrou para a pós-graduação em 1943, e com a Reforma Capanema em 1942, essa disciplina não compunha mais o currículo escolar. O ensino de Sociologia, passando assim por intermitências, só foi repensado nessa modalidade de ensino nos anos de 1990 a 2000, e esse processo de reintrodução esteve muito ligado à redemocratização do Brasil, após os anos de regime militar.

Para Gonh, o Brasil na busca pela redemocratização passou por um período de muitos desafios na luta pelos direitos sociais mais simples como saúde e educação, a luta pela redução da desigualdade social a integração do país as questões de ordem internacional e também o esforço de se equilibrar a economia como o controle da inflação. Esses desafios, no que tange os direitos sociais, foram enfrentados pelos movimentos sociais que tiveram uma participação fundamental na elaboração das leis do novo Estado (GOHN, 2009). O Brasil procurava se reerguer como Estado e uma Nação e a Sociologia já consolidada como ciência, buscava se reinserir como disciplina na educação básica.

A Constituição de 1988 foi um marco fundamental na redemocratização do país, na qual foram direcionados princípios que nortearam a construção desse novo Estado. Na área do ensino, o marco fundamental se deu com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996).

Para Meucci (2015), nos anos de 1990 entendia-se que a educação formal, em todos os seus níveis, deveria favorecer condições favoráveis para o desenvolvimento de seu alunato de atitudes que os redirecionassem para a autonomia do conhecimento científico, possibilitando assim desenvolver uma consciência crítica. Foi nesse processo que o Brasil enfrentava a redemocratização e a construção de um novo Estado, que a Sociologia emerge mais uma vez, como aponta Moraes, 2011:

Como foi dito, esse retorno está associado ao período de redemocratização da sociedade brasileira e aconteceu na sequência de uma mudança na legislação educacional realizada pelo próprio governo militar – a Lei n. 7.044/82 –, que flexibilizava a obrigatoriedade do 2º grau profissionalizante, abrindo espaço para uma escola média de caráter formativo geral. (...) Então, a partir de 1983, temos um fenômeno parecido com aquele ocorrido nas primeiras décadas do século XX, quando a Sociologia não era obrigatória, mas, num crescendo, passou a figurar nos currículos das escolas secundárias. Logo o estado de São Paulo, que já tomara a dianteira nesse processo ao “recomendar” a inclusão da Sociologia no currículo de um das séries (Resolução SEE/SP n. 236/83), amplia a legitimidade da disciplina, realizando concurso público, nomeando equipe técnica a partir do recrutamento de professores que atuavam na rede pública e editando uma primeira proposta programática para a disciplina, reconhecendo, ainda que limitadamente, a sua importância na formação dos estudantes. Destaque-se aqui o sentido que essa primeira proposta curricular (1986) vai ter: usando uma linguagem pedagógica recente, podemos dizer que, sintomaticamente, os “movimentos sociais” vão constituir o tema transversal e a aproximação com os alunos – reconhecimento da fala e das experiências de vida destes, incorporados ao debate dos temas clássicos e emergentes da disciplina – será a estratégia didática recomendada. (MORAES, 2011, p. 367).

O ensino da Sociologia passa a ser visto com outros olhares no Brasil, tantos para aqueles que buscavam aspirações democráticas, quantos dos que acreditavam que a Sociologia era fundamental para a formação de jovens portadores de valores democráticos. Essa busca por valores e pela uma redemocratização do país colocou a Sociologia e também a Filosofia como agentes transformadores desse novo Estado, e tal oportunidade, contribuiu para a reintrodução da Sociologia na educação escolar através da LDBN.

Não se pode deixar de mencionar que anteriormente a criação dessa nova LDBN, na década de 80, os Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Pará, Santa Catarina e Maranhão, tiveram a iniciativa de realizar reestruturações curriculares no antigo Segundo Grau que atualmente chamamos de Ensino Médio. Essas reestruturações estavam direcionadas para a readequação dos currículos escolares a nova onda de redemocratização que o país enfrentava.

Embora, no país, a Sociologia ainda não fosse obrigatória, nesses Estados ela já se fazia presente nos seus currículos, sofrendo algumas intermitências que eram sempre de ordem política, tal como as intermitências sofridas por essa disciplina em âmbito nacional.

Com o fortalecimento do debate da reintrodução da Sociologia nos Estados, alguns acontecimentos foram fundamentais para a reintrodução dessa disciplina no ensino médio.

No Paraná, entre 1994 e 1995, ocorreu um concurso público para professores de Sociologia e com tal foram publicadas propostas de conteúdos para essa disciplina. (SILVA, 2010). Além desse fator, outro importante, fora a inclusão da Sociologia e de seus conteúdos nas provas de vestibular no egresso as Universidades, o que correu, em 1997, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU); em 2003 na Universidade Estadual de Londrina (UEL); em 2007 na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Todas essas conquistas que se deram em âmbito Estadual foram oriundos de sindicatos de sociólogos, sindicato de professores da educação básica, professores universitários, professores do Ensino Médio, associações científicas e órgãos internos das universidades. (SILVA, 2010).

Até nesse momento, o debate a cerca do ensino de Sociologia estava direcionado aos Estados, e com a LDBN o debate tomou proporções nacionais. Assim, temos a escola pública brasileira que traz o ensino médio, como etapa final da educação básica (LDBEN, 1996). A regulamentação dessa Lei fora concretizada em 1998 com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM), que propunha a organização dos sistemas de ensino estaduais de forma mais flexível e que os saberes não seria mais organizados por disciplinas, passando a ser organizados por áreas.

Em 1999, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), indicaram a divisão curricular, do Ensino Médio por áreas, e da Sociologia, que estava incluída nas Ciências Humanas e sua Tecnologia, tal como ocorre hoje, tendo como uma de suas finalidades a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para dar continuidade ao seu aprendizado.

O ensino médio tem como uma de suas funções, preparar os alunos para o mercado de trabalho, além de o que na Lei n° 9.394/96 se entende como aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico. (LDBEN, 1996). Para Meucci, a criação da LBDN foi à razão para a reintrodução da Sociologia na escola, o que não ocorreu de forma imediata em todo o território nacional, pois a Lei fazia referências à utilidade da Sociologia com fins direcionados a tornar os alunatos cidadãos, porém não incluía sua obrigatoriedade.

A partir desse momento houve um campo de muitas disputas na interpretação dessa lei. O deputado Padre Roque introduziu um projeto de Lei pela obrigatoriedade da Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, o projeto foi aprovado na Câmara no ano de 2000 e

pelo Senado em 2001, mas, foi vetado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso em 2001 (MORAES, 2011). Sendo a reintrodução da Sociologia no ensino médio ainda motivos de grandes disputas, o sindicato de sociólogos recorreu contra o parecer no Conselho Nacional de Educação em 2001.

Em 2007, o Conselho se mostrou favorável à obrigatoriedade da disciplina e solicitou o período de dois anos para a inserção da obrigatória da mesma. A obrigatoriedade da Sociologia se consolidou a partir da Lei nº 11.684/08, sendo assim, o ensino de Sociologia no Art.36. da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no seu inciso IV, determina: “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio”.

Com a reintrodução da Sociologia no agora Ensino Médio, tal disciplina não gozava mais do seu status da década de 1930, não estava mais direcionada as elites, sendo assim, um projeto mais democrático. Assim, surge um grande questionamento, se essa disciplina conseguiria se firmar nessa modalidade de ensino, pois, por muitos anos, a Sociologia no Brasil esteve voltada ao ensino superior e para a pesquisa, o que ocasionou uma disparidade com o ensino na escola pública, em que os profissionais eram desvalorizados.

Para Meucci (2015), a condição que a Sociologia foi reintroduzida no sistema escolar não representava mais um projeto consensual das elites. Para a autora, há uma hipótese de que a escola pública não era mais o lugar das elites, o que está ligado aos esforços pela reintrodução da Sociologia, com uma época de luta, pela integração do ensino médio como direito de todo cidadão e obrigação do Estado brasileiro, como já mencionado havia um esforço por uma educação/ensino mais democrático.

Vale ressaltar que a Sociologia é reinserida no ensino escolar quando houve um acréscimo ao componente curricular do Ensino Médio, com a inserção de novas disciplinas tais como a Sociologia e Filosofia em 2008 (Lei Federal 11.684 – Brasil, 2008b); em 2003, História e Cultura Africana e Afro-brasileira (Lei Federal 10.639 – Brasil, 2003); o Espanhol em 2005 (Lei Federal 11.161 – Brasil, 2005) e em 2008 tivemos a inserção de duas disciplinas também: a Música (Lei Federal 11.769 – Brasil 2008c) e História e Cultura Afro-brasileira e indígena (Lei Federal 9.394 – Brasil, 2008a). (MEUCCI, 2015).

A história do ensino da Sociologia no Brasil é caracterizada por uma disciplina que não mantém uma perenidade nos currículos escolares. Nos períodos democráticos ela está presente e nos regimes autoritários ela esteve ausente, no que se refere à escola pública. Em 2008 tivemos a obrigatoriedade de seu ensino no currículo escolar, porém, tal disciplina ainda passa por intermitências.

A reforma do Ensino Médio (2016) é mais um processo que a Sociologia enfrenta enquanto disciplina, uma das medidas que essa Reforma adotara, que prejudicará a Sociologia é quanto a formação de professores, o profissional não precisará mais ser licenciado em uma disciplina específica, bastando ter notório saber sobre a mesma, o que voltara a grande discussão, que se fez na Sociologia, quanto aos professores lecionando sem uma formação em Sociologia.

Outro fator, é que a Sociologia sofrerá mais um retrocesso em seu ensino, passando assim a ser novamente optativa como aconteceu em determinados momentos de sua história.

Ademais, com base no que foi abordado no presente capítulo, procurou se identificar o processo de formação da Sociologia no Brasil, como ciência e disciplina, retratando as intermitências advindas desse processo, o que nos possibilita conhecer como a Sociologia se organizou no Brasil. Na sua consolidação como ciência, buscava-se uma sociologia tipicamente brasileira, que estivesse voltada para a realidade social do país, com relação ao ensino, o debate esteve voltado para a sua institucionalização e profissionalização e também a sua inserção no currículo escolar, ora obrigatório, ora opcional.

Tendo posto contexto nacional da formação da sociologia, no capítulo seguinte será abordado o caso em particular do ensino de Sociologia na escola América Central, demonstrando todas as variáveis do se fazer escola.

2 O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA AMÉRICA CENTRAL

Este capítulo, partindo de um postulado durkheimiano, tem como objetivo analisar as formas de organização escolar da escola América Central buscando perceber o lugar da sociologia no interior do espaço escolar.

O capítulo é composto de quatro sessões, a primeira trata da escola América Central, relatando sua fundação e como se constitui seu espaço físico e geográfico. A segunda trata do aspecto da escola como além de um campo educacional, imbricada em um campo político, sendo assim um campo autônomo. Demonstrando como o aspecto do campo político atua na escola.

A terceira sessão trata do corpo docente e as disciplinas demonstrando as formas de organização social da escola, o que implica em uma hierarquia de disciplinas, na qual veremos todos os fatores que implicam na subordinação da disciplina Sociologia. Na quarta sessão trataremos como se constitui o ensino de sociologia na escola América Central. Para essas duas últimas sessões tomaremos com maior ênfase a perspectiva durkheimiana de que as formas de representação social estão ligadas as formas de organização social.

2.1 A escola América Central

Bourdieu chama a atenção para um uso tipicamente durkheimiano, que o próprio Durkheim jamais empregou quando tratou de educação. Trata-se da postulação de Durkheim e Mauss, de que as formas de representação social estão ligadas as formas de organização social. Partindo dessa perspectiva, Bourdieu afirma que: “os agentes encarregados das operações de classificação só podem preencher adequadamente sua função social de classificação social na medida em que se opera sob a forma de uma operação de classificação escolar, quer dizer, através de uma taxinomia propriamente escolar”. (Bourdieu, 1975, p. 198).

Para Bourdieu as formas escolares de classificação são transmitidas por meio e também através da prática, não estando ligadas a um intuito propriamente pedagógico. As formas como a escola se organiza está diretamente ligada à como a direção, os professores e os alunos percebem as disciplinas e as questões sociais como um todo, tal organização se faz importante, pois está ligada as variações do qual esses indivíduos se constituem, logo, ajuda na compreensão do estudo que pretende-se aqui fazer.

Vale salientar que, para Bourdieu, o poder do eufemismo escolar só é absoluto quando exercido sobre agentes que, selecionados de acordo com suas condições sociais e escolares de produção, tenham uma predisposição a reconhecer esse sistema escolar em absoluto. Bourdieu afirma que:

A dialética escolar do irreconhecimento e do reconhecimento assume a forma mais acabada quando a estrutura do sistema de categorias de percepção e pensamento que organizam os considerando de julgamento escolar e esse próprio julgamento está em perfeito acordo com a estrutura dos conteúdos que o sistema escolar é encarregado de transmitir, como é o caso da cultura literária ou filosófica em sua forma escolar. (BOURDIEU, 2007; p. 200).

Essa teoria de Bourdieu, mostra que é possível analisar as estruturas que compõe a escola como um todo, e a perspectiva durkheimiana supracitada, possibilita analisar a relação entre a escolarização e socialização dos alunos do ensino médio da Escola Centro de Ensino América Central e a percepção destes sobre a Sociologia. Por meio disto, verificaremos se as formas dos alunos representarem a sociologia no ensino médio regular está ligada a forma que esta disciplina e o espaço escolar está organizado em geral no ensino médio brasileiro e em particular na escola América Central, e para tanto, tratarei de apresentar a organização da escola nesse primeiro momento.

A escola Centro de Ensino América Central foi fundada em 1992, sendo que nos seus primeiros anos de fundação era direcionada apenas para o ensino fundamental maior, ou seja, da 5º a 8º série. Atualmente ela é direcionada exclusivamente para o ensino médio regular em meio período, sendo encargo do Governo do Estado do Maranhão. A mesma também possui os três turnos de aulas e tem em sua direção três coordenadoras pedagógicas, duas diretoras e três secretários.

A instituição passou por uma reforma física e estrutural em 2014, sendo feita a climatização nas nove salas de aulas existentes, o que se observa ineficiente atualmente, tendo em vista que os ar-condicionados não funcionam com excelência, advinda de uma manutenção omissa. O nome da escola advém da Secretária de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC). Segundo relato de uma Diretora, no Estado do Maranhão existiam outros dois Centros de Ensino homenageando a América do Sul e a América do Norte, por essa razão faltava à homenagem a América Central, sendo esse o motivo pelo nome da instituição.

Acerca do seu meio geográfico, ela está localizada no Centro da cidade de Morros, na Travessa Formosa, atendendo as comunidades que permeia a cidade, tais como: Boa Vista, Bom Gosto, Coelho, Fátima, Peixinho, Lagoa e Vargem, e alguns povoados como Arrudinha, Mato Grosso, Mirinzal, Pacas do Marçal e Una dos Moraes. Também é atendida

por ela, o povoado da cidade vizinha, Axixá, sendo a única escola direcionada ao ensino médio no centro da cidade de Morros.

Nos povoados distantes do município, existe a Escola Municipal Prof. Clóvis José Bacellar Araújo, inaugurada em 2011 e que funciona como Anexo do América Central, sendo um Polo Educacional do Ensino Fundamental e Médio, fruto da parceria entre Município e Estado. Esse Polo veio para atender uma necessidade dos pais e alunos para com a educação, pois, antes disto, os alunos da zona rural dos povoados mais distantes estudavam no Centro de Ensino América Central. Segundo relatos de uma das antigas gestoras, esses alunos acabavam por perder muitas aulas, devido ao transporte público que não se fazia de forma eficiente. Ademais, na presente pesquisa, se dará maior ênfase aos assuntos relacionados a sede da escola América Central.

Segundo dados da direção, a escola possui quatro turmas de 1º ano no turno matutino e vespertino, sendo 137 alunos, respectivamente, em cada turno. Nas turmas matutinas, os alunos do sexo masculino são em maioria, em contrapartida, seu número encontra-se inferior no período vespertino. Com relação ao 1º ano noturno, a escola possui duas turmas, sendo uma na sede e outro no Anexo, o Polo Bandeira, com 98 alunos.

No 2º ano, são três turmas no turno matutino e vespertino, sendo, respectivamente, 113 e 108 alunos. Já no período noturno, tais turmas, encontram-se, uma na sede e outro no Anexo, totalizando 76 alunos. Quanto ao 3º ano, temos duas turmas no período matutino (3º A e B), e duas no vespertino, (3º C e D), sendo no primeiro período, 71 alunos e no segundo 79. No período noturno, existem três turmas, sendo duas na sede e uma no anexo, contabilizando 84 alunos ao todo. Sendo assim, englobando na escola Centro de Ensino América Central, 903 alunos, no entanto, segundo a direção, tais dados podem ser submetidos a mudanças, ocorridas pela evasão de alguns desses alunos.

Por meio de observação direta foi possível concluir que, quanto às dependências da escola, a mesma possui uma biblioteca climatizada, uma sala de professores, um laboratório de informática, portando 10 computadores para uso dos alunos, com acesso à internet, no entanto, inexistindo laboratório de ciências, sendo a biblioteca, por vezes, utilizada para as aulas de Biologia. E também, devido à falta de manutenção dos ar-condicionados, por muitas vezes, utilizada como sala de aula. Nas dependências da escola ainda existe uma quadra esportiva, utilizada para as aulas de Educação Física.

Vale ressaltar, que a cidade de Morros possuía duas escolas direcionadas ao ensino médio, o Centro de Ensino América Central e Centro de Ensino Tancredo Neves, no entanto, esta, por determinação do Governo do Estado do Maranhão, em 2011, foi encerrada

para atividades voltadas ao ensino médio. Em uma conversa com a ex-diretora dessa instituição, descobri que o motivo desse “fechamento”, foi em virtude de um decreto do Governo de que as prefeituras municipais seriam as únicas responsáveis pelo oferecimento do ensino no chamado fundamental maior. Hoje em dia esse prédio funciona como uma Escola Municipal, e com isso, o Centro de Ensino América Central ficou com a responsabilidade de atender a demanda do ensino médio, ocasionando assim uma superlotação das salas de aula em todos os turnos.

Em virtude desse fato, faz necessário compreender as funções de cada órgão para com a educação. O Artigo 211, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, determina as funções dos entes federativos para com a educação, estes se organizarão em regime de colaboração, e seus sistemas de ensino encontram-se contidos nos seguintes parágrafos.

§1º A União Organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios.

§2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

§3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

§4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório.

§ 5º A educação básica pública atenderá prioritariamente ao ensino regular. (LDBEN, 1996).

Percebe-se assim, que as determinações segundo a LDBN, os municípios devem atuar prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil. Fato, que tornou-se possível com esse decreto, o ensino, com essas determinações, na cidade de Morros e no Estado do Maranhão, é oferecido de acordo com as responsabilidades definidas de cada Órgão.

O Governo do Estado do Maranhão, sendo responsável pelo ensino nessa instituição, é representado pela Unidade Regional de Educação, localizada na cidade de Rosário, que atende as demandas relacionadas a essa área em 12 municípios da região: Axixá, Bacabeira, Barreirinhas, Cachoeira Grande, Humberto de Campos, Icatu, Morros, Presidente Juscelino, Primeira Cruz, Rosário, Santa Rita e Santo Amaro do Maranhão.

2.2 A escola como um campo autônomo

Para a análise dessa sessão se faz importante relatar a definição de Bourdieu, a cerca do campo político: “é um microcosmo, isto é um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social. Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processo que se encontram, no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos se revestem aí de uma forma particular”. (Bourdieu, 2011, p. 195). O campo é relativamente autônomo, todavia, apesar de tratarmos do campo educacional, este, está imbricado com o campo político, logo o campo educacional se mostra relativamente autônomo, como veremos no decorrer dessa sessão.

A escola Centro de Ensino América Central, sendo uma escola estadual, está exposta ao fenômeno observado nessa prática de pesquisa, sendo que parte do “corpo” da direção escolar possui mutabilidade por influência do resultado das eleições estaduais, ou seja, a depender da escolha do partido que é eleito, toda a direção da escola é alterada, sendo essa uma prática política que acompanha a escola desde sua fundação. Os antigos gestores e as atuais gestoras estão envolvidos nessa prática, não sendo, portanto, realizada votação para escolha do diretor como ocorre em outras escolas da rede estadual, tratando-se com isso, de uma questão política, na qual a escola está sempre no meio dessa disputa.

Para Sposito, mesmo que consideremos a escola como uma unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares que penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem serem investigados. (SPOSITO, 2011; p.25). A formas de organização da escola América Central diz respeito às varias nuances descritas acima, seja o espaço físico ou as intervenções de terceiros na constituição dessa instituição.

Na escola defrontamos com padrões de sociabilidade que permeiam a vida escolar, e são esses padrões que fazem importante para um estudo sociológico. Por tanto, se faz importante descrever as relações presentes na escola.

Possuindo um horário de funcionamento matutino das 07h00min as 11h55min, vespertino das 13h00min as 17h55min e noturno das 19h00min as 22h20min, sendo 45 minutos cada aula, em todas as ocasiões que fui à escola, estes sempre do lado de fora, quando atrasados, esperando o segundo horário para adentrar. Existe também um rigor em relação ao comportamento desses alunos durante os horários de aula, os mesmos, não podem em hipótese alguma ficar no corredor quando estão em aula, para a manutenção do poder da Gestão da escola para com os estudantes.

Porém, observa-se por parte de uma das gestoras, uma busca por autoridade exacerbada. Esta se impõe sobre os alunos, sem diálogos, o que ocasiona mal estar como a suspensão dos discentes. Observar-se também, que ainda imperam resquícios do modelo tradicional.

A escola não se constitui sozinha, há todo um corpo docente e alunos que precisam ser ouvidos, principalmente os alunos que são os que possuem maiores demandas. Nas observações, no período da pesquisa na escola, percebe-se por parte da direção, ao tentar manter a “reputação” da escola, devido à cidade ser pequena, que todos os problemas que a mesma enfrenta acabam virando notícias em todo o município, e essa assim se torna uma grande preocupação por partes de gestores e professores. Logo, se faz importante considerar todos os fatores que ocasionam a organização do espaço escolar, fatores que perpassam por perspectivas escolar e não escolar, para a construção de uma análise sobre a escola, como um todo, o que leva a constatação que tais aspectos constroem desigualdades internas ao sistema de ensino brasileiro.

Uma Sociologia dos estabelecimentos de ensino seria útil para analisar a organização escolar dessa instituição. Para Mafra (2011), as instituições escolares possuem uma organização complexa, para fazer tal análise é preciso considerar os limites, que são mais ou menos definidos, das ações dos sujeitos. A escola América Central está envolta no sistema que pode-se utilizar, tal como Mafra, do termo Burocracia Tradicional, os alunos, direção e o corpo docente alimentam uma estrutura escolar que está em todas as demais instituições.

A forma de organização cria, nesse ambiente escolar, uma concomitância com toda essa estrutura organizacional presente na instituição. Percebe-se que as ações dos sujeitos são moldadas pelo modo de ser fazer a escola, se tem “autoridades”, que atuam de determinada forma, essa atuação provocará nos sujeitos passivos da mesma, certo conformismo, todas as ações serão direcionadas por essa atuação.

Na escola América Central observou-se inúmeros fatores que atuam na sua organização, sendo a escola mera reprodutora de um sistema de ensino presente em todo o Estado do Maranhão. A forma como essa instituição atua, advém de uma cultural organizacional. As relações sociais, as ações dos sujeitos são determinadas pela organização do espaço escolar, que se constitui por meio de padrões estabelecidos em toda a sociedade, o que nesse caso, está condicionado a manter uma estrutura que está alheia às realidades sociais dos indivíduos que a constitui.

Para salientar a ideia de organização escolar, se faz importante descrever um fato que ocorreu na escola durante o período da pesquisa e que mostra como a instituição América Central atua um campo político, que remete a uma perspectiva não escolar, ajudando a analisar a escola como um todo.

O estabelecimento fora utilizado como palco de um evento do Governo do Estado, que oferecia coisas alheias à educação, sendo realizado em um fim de semana. Porém, na chegada à escola na segunda-feira, deparo com ação do Governo intitulada Viva PROCON, por esse motivo uma turma teve que ceder a sala de aula para esse evento, tendo aulas na biblioteca. A grande questão a ser discutida não é a escola está aberta para a comunidade como um todo, mas, é necessário pensar como esses eventos alheios a educação penetrarem na escola, modificando o dia a dia da mesma. Sendo o prédio pertencente ao Governo, o mesmo pode fazer dele o que desejar?

Nesse quesito se entra em outro campo, pois a escola, como um prédio em um lugar público, então precisa atender todas as demandas da comunidade. E como entende-se que os processos de escolarização estão ligados ao processo de socialização, remetendo mais uma vez para um olhar sobre uma perspectiva não escolar, todos esses mecanismos que atuam na escola, ajudam na sua organização estrutural e social. É preciso pensar uma realidade que se faz no interior do Estado do Maranhão, e ao deparamos com tal reflexão, vemos que todos esses mecanismos constituem o se “fazer escola”, que é como salientado um campo autônomo.

Conhecendo a organização da escola e cientes dos mecanismos que a constitui, pretendemos analisar os corpo docente da escola e as disciplinas que a constituem, buscando assim, penetrar no espaço escolar e conhecer todos os dispositivos que constituem a escola América Central.

2.3 O corpo Docente e as Disciplinas

A escola América Central possui como quadro de professores, 34 profissionais incorporados à instituição através de concurso público e processo seletivo, estes atuam nas seguintes disciplinas: Artes, Biologia, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Inglês, Leitura e Produção Textual, Língua Portuguesa, Matemática, Sociologia, Química.

Para a Coordenadora Pedagógica da escola, uma grande dificuldade enfrentada pela instituição é a falta de professores. Os que estão na casa e são concursados, são realocados de acordo com a sua formação, caso haja demanda para tal. A ausência de

professores gera ainda outro quadro, que é o atraso do ano letivo. Segundo a Informante 1 na escola há sempre esse problema:

Na nossa escola há muito a falta de professores, o que nos gera alguns transtornos, como por exemplo, o início do ano letivo. Temos que por muitas vezes ir adiando, pois esperamos que a Gerência mande os professores para atuar nas demandas das disciplinas. E esse não é um problema de agora, desde que eu frequento essa escola, mesmo tendo me afastado por uns anos esse problema permanece. Seria bom que estivesse mais concurso público pra atender a demanda, que é muito grande. (INFORMANTE 1)

Essa é uma realidade que permeia a educação básica brasileira, às condições as quais os professores são submetidos no âmbito escolar, torna essa profissão pouco atraente. As disciplinas que não passaram por essa escassez de professores são as de Língua Portuguesa e Matemática, todas as outras em algum momento passaram por tal falta.

No turno matutino e vespertino todas as disciplinas possuem docentes atuando, sendo a falta de professores, um problema direcionado aos turnos noturno e vespertino. Até o presente momento da pesquisa, os alunos estavam sem aulas de Filosofia; algumas séries de 1º ano (1º F e H) e em algumas séries de 2º ano (2ºF) estavam sem aula de Sociologia e Geografia no turno vespertino, e sem Biologia para o 1º e 2º ano, e Sociologia (3ºC), também não tinha Química para todas as séries do turno noturno, o que afeta diretamente no processo de aprendizagem desse aluno, essa realidade permeia toda educação básica nacional.

Outro fator importante observado nessa pesquisa fora a falta dos professores nos seus respectivos horários. Muitas turmas são dispensadas pela ausência dos docentes. Presenciei um fato que, em uma tarde, uma turma de 1º ano voltou pra casa cedo devido a nenhum dos docentes responsáveis pelos horários naquele dia se fizerem presente na instituição. Sobre esse fato a direção e coordenação da escola relatam que tal problema observado não se faz continuo na atuação da escola, porém, em conversas informais com alunos, pude apurar que desde o início do ano letivo, no dia 6 de março do decorrente ano, um professor específico se fez presente em sala de aula apenas uma vez; em um segundo momento ele esteve na instituição mas não em sala de aula. Essa constatação é muito delicada, pois estaria ligada a hipótese da omissão da direção quanto às faltas desses profissionais, porém, para não criar mal estar, decidimos por não nos aprofundarmos em tais questões. Os docentes na sua maioria atuam na instituição de forma a cumprir com seus horários e obrigações, como podemos constatar nas observações e conversas informais.

Após tratar do corpo docente. Fara-se uma descrição geral de todas as disciplinas que fazem parte do currículo da escola, para depois tratar exclusivamente da Sociologia, pois

entende-se que é preciso compreender como funciona a estrutura escolar, analisando todos os elementos que dela fazem parte.

Na escola América Central a divisão de turnos se constituem da seguinte forma em relação à quantidade de professores atuando nestes: no turno matutino são 20 profissionais que atuam nas disciplinas já citadas acima; no vespertino são 21 profissionais para esse alunato; no período noturno, são apenas 8 profissionais que atuam em 4 turmas (1ºI, 2ºG, 3ºE e F).

Em comparação as turmas do período diurno e noturno, as diurnas tem uma quantidade de alunos superior, a quantidade de turmas é ainda maior, são 9 no total. Apesar de obter essas informações, nosso foco se dá na análise do período diurno, para tanto faremos uma quantificação de professores e horários em cada disciplina.

Nos turnos matutino e vespertino a disciplina Língua Portuguesa é lecionada por distintos profissionais, sendo esses ao todo cinco professores. Tal disciplina tem um espaço significativo no currículo da escola, no 1º, 2º e 3º ano os alunos tem uma carga horária de 4 aulas semanais. Como o foco desse estudo está nas últimas series, nos foi importante fazer um levantamento dos horários dessa e das demais disciplinas nas series de 3º ano, que está representada no Quadro 1.

A disciplina de Artes também se faz presente na escola e são três profissionais do sexo feminino que a lecionam, sendo que uma delas também atua na disciplina de Língua Portuguesa. A Artes deveria ter um maior espaço no currículo da educação básica no Brasil, todavia essa não é uma realidade na escola América Central, onde são apenas duas aulas semanais em todas as séries. Um fator importante que se faz observar é que apesar de algumas outras disciplinas perderam espaço no terceiro ano, a Artes permaneceu com as duas aulas semanais.

A disciplina de Biologia passa por alguns problemas relatados pelos alunos, como a ausência de professores na sala de aula. Ocorre que apesar da disciplina ter profissionais, os mesmos não se fazem presentes na ministração da mesma, fato que não se repete nas turmas de 3ª ano, e que se justifica devido a serem 5 profissionais que atuam nessa disciplina. Observamos que dois desses profissionais, além da Biologia, atuam também na disciplina de Física e um (a) outro (a) profissional atua na disciplina de Química. Muitos desses casos serão observados no decorrer dessa descrição, onde para cumprir a carga horaria professores de áreas “afins” acabam por lecionar em outras disciplinas. Quanto a essa disciplina, são duas aulas semanais nas series iniciais; no 3º ano há um acréscimo na carga horária, ficando três aulas semanais.

Uma das disciplinas mais importantes no ensino básico é a Educação Física, sendo que a mesma está organizada em uma aula semanal teórica e uma prática. Esta última é realizada no contra turno, sendo duas profissionais que a lecionam. No final do mês de Abril do decorrente ano, a Secretária de Estado da Educação do Maranhão, lançou o Edital N° 33/2017, que disponibilizava uma vaga para profissionais da Educação Física para a Cidade de Morros. Conhecendo a realidade da escola e falta de professores em algumas disciplinas, tal edital não atendeu todas as demandas da instituição.

A disciplina de Filosofia, assim como a Sociologia, enfrentam processos de intermitências de seu ensino na educação básica. Nas duas primeiras series iniciais, a carga horária é de apenas duas aulas semanais, perdendo espaço no 3° ano, ficando apenas com uma aula semanal, lembrando que essa determinação é do Ministério da Educação. Para estas disciplinas, existem três os profissionais atuantes, sendo que dois desses não possuem formação específica na área. Um leciona, além da Filosofia, a Língua Portuguesa, enquanto o outro profissional ministra disciplinas como História, Geografia e inclusive a Sociologia.

A disciplina de Física se destaca em tal escola pelas 2 aulas semanais nas primeiras series, sendo que no 3° ano passa a ter uma aula há mais, ou seja, três aulas semanais. Enquanto disciplinas como a Filosofia perdem sua carga horária, outras disciplinas tem um ganho a mais.

Em relação à quantidade de professores que lecionam tal disciplina são três profissionais, uma além dessa disciplina leciona a Biologia, porém podemos constatar que a formação específica dessa profissional é a Matemática.

A disciplina de Geografia na escola América Central tem, em seu quadro docente, quatro profissionais, e a mesma passa pelos mesmos problemas que outras disciplinas anteriormente relatadas. Dois desses profissionais além de atuarem na área da Geografia, atuam na disciplina de História. Essa prática constante de complementação de carga horária prejudica muito o ensino em tal instituição, pois não ser formado nessas disciplinas ocasiona ao professor um despreparo em relação à mesma, que se reflete no ensino. Em conversas com alguns docentes, os mesmos me relataram que por não ter afinidade com as disciplinas acabam por ter que a estudarem em dobro, e segundo eles isso afeta o processo de ensino e aprendizagem, a disciplina está organizada em duas aulas semanais em todas as series.

A História é uma disciplina de muita relevância na educação básica e na escola América Central, ela é lecionada por quatro profissionais, dois desses como relatado acima dividem sua carga horária com as aulas de Geografia. No 1° ano essa disciplina é composta de

três aulas semanais, enquanto que no 2º e 3º ano as aulas passam a serem apenas duas semanais.

Quanto a Língua Inglesa, a mesma é lecionada na instituição por dois professores, as aulas semanais se dão em dois horários. Nessa disciplina, também nos deparamos com professores lecionando em mais matérias, porém nesse caso específico a formação acadêmica desse profissional permitir tal feito.

Na disciplina Leitura e Produção Textual, existem cinco profissionais que a ministram. Desses, quatro também atuam na Língua Portuguesa, o que, é permitido pela formação acadêmica tal ação. O que nos faz refletir é a inserção dessa disciplina tão importante nas três séries do Ensino Médio Regular, a mesma é ministrada apenas em uma aula por semana.

A matéria de Matemática é lecionada por quatro distintos professores, ela possui um espaço considerável na educação básica brasileira, fato que não se distingue do campo de pesquisa, onde as aulas em todas as series do Ensino Médio são ministradas em quatro horários semanais. A formação específica desses profissionais nessas aulas ocasiona certo conforto aos mesmos em lecionar tal disciplina. Como observado em conversas informais com aos alunos, os mesmos reclamam da forma de ministrar os conteúdos desses profissionais, o desempenho dos discentes se dá de forma insatisfatória, logo, podemos constatar que tal fato ocorre no processo de formação da área de exatas, que deveriam direcionar essa formação para a didática.

Nessa descrição das disciplinas tem-se também a matéria de Química, nas duas primeiras séries as aulas semanais são duas, já no 3º ano há um acréscimo de uma aula passando assim para três. Assim como a Biologia, a Química ganha um espaço maior no currículo do 3º ano e também tem professores que lecionam as duas disciplinas, na escola são três profissionais do sexo feminino que atuam nessa disciplina, no entanto, das três, apenas uma tem essa carga dupla de matérias. Os horários e docentes da Sociologia, iremos analisar no tópico seguinte.

Feita a descrição geral das disciplinas, cabe analisar alguns fatores que inquietam. Em uma conversa com a Diretora Geral da escola, a mesma relatou que a carga horaria dos professores não se faz um problema para a instituição, mas ao descrever as disciplinas e constatar que vários professores são direcionados a matérias que não constituem sua formação específica, o que ocasiona ao alunato uma defasagem no seu processo de ensino-aprendizagem.

Segundo fonte do ENEM 2014, os dados de 2015 e 2016 ainda não foram divulgados, a escola América Central tem uma média de 406,9, estando a baixo da média nacional que é de 492,4. Esse fato advém, dentre outros fatores, dessa prática que está inserida na instituição desde sua fundação, a inabilitação em uma determinada disciplina somada a uma “ministragem” precária é o que ocasiona ao professor alguns transtornos, que apesar do esforço, acaba por tentar dominar um conteúdo do qual não tem a formação adequada. Outra análise faremos segundo o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Horários do 3º ano da escola América Central – Morros –MA.

HORÁRIOS DO 3º ANO – AMÉRICA CENTRAL						
DISCIPLINAS/DIAS DA SEMANA	MATUTINO/VESPERTINO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
LÍNGUA PORTUGUESA	3ºA	3º e 4º	-	1º e 2º	-	-
	3ºB	1º e 2º	2º e 3º	-	-	-
	3ºC	-	5º	4º	3º e 4º	-
	3ºD	-	-	4º e 5º	-	5º e 6º
ARTES	3ª A	-	-	3º	-	1º
	3ª B	-	-	2º	6º	-
	3ª C	-	-	5º e 6º	-	-
	3ª D	-	1º e 2º	-	-	-
BIOLOGIA	3ªA	-	6º	-	-	5º e 6º
	3ªB	3º e 4º	4º	-	-	-
	3ªC	-	-	4º	5º e 6º	-
	3ªD	-	3º	-	-	5º e 6º
EDUCAÇÃO FÍSICA	3ª A	-	-	-	6º	-
	3ª B	-	-	1º	-	-
	3ª C	-	-	-	-	6º
	3ª D	-	1º	-	-	-
FILOSOFIA	3ªA	-	-	4º	-	-
	3ªB	5º	-	-	-	-
	3ªC	-	-	-	2º	-
	3ªD	-	-	6º	-	-
FÍSICA	3ª A	1º e 2º	-	-	1º	-
	3ª B	-	1º	-	-	1º e 2º
	3ª C	3º	1º e 2º	-	-	-
	3ª D	1º e 2º	-	-	1º	-
GEOGRAFIA	3ªA	-	-	5º e 6º	-	-
	3ªB	-	-	-	1º e 2º	-
	3ªC	4º	3º	-	-	-
	3ªD	6º	-	4º	-	-
HISTÓRIA	3ª A	-	5º	-	4º	-
	3ª B	-	6º	6º	-	-
	3ª C	-	4º	-	-	3º
	3ª D	-	5º	-	3º	-
INGLÊS	3ºA	-	4º	-	-	2º
	3ºB	-	-	-	-	3º e 4º
	3ºC	-	-	1º e 2º	-	-
	3ºD	-	-	4º e 5º	-	-

Continua

HORÁRIOS DO 3º ANO – AMÉRICA CENTRAL						
DISCIPLINAS/DIAS DA SEMANA	MATUTUNO/VESPERTINO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	3ªA	-	-	-	3º	-
	3ªB	-	-	3º	-	-
	3ªC	-	-	-	1º	-
	3ªD	-	6º	-	-	-
MATEMÁTICA	3ºA	5º	2º e 3º	-	5º	-
	3ºB	-	-	-	3º e 4º	5º e 6º
	3ºC	1º e 2º	-	-	-	4º e 5º
	3ºD	3º	-	1º e 2º	-	3º
QUÍMICA	3ªA	-	-	-	2º	3º e 4º
	3ªB	-	-	4º e 5º	5º	-
	3ªC	-	6º	-	-	1º e 2º
	3ªD	-	4º	--	2º	4º
SOCIOLOGIA	3ªA	-	1º	-	-	-
	3ª B	6º	-	-	-	-
	3ªC	SEM AULA	-	-	-	-
	3ºD	-	-	-	-	1º

Fonte: Centro de Ensino América Central

A reflexão que se obtém ao analisar o quadro 1, diz respeito à distribuição dos horários por disciplinas, que durante a estadia na escola foram alterados algumas vezes, e com a observação, perceb-se um diálogo entre direção e professores para atender as necessidades destes últimos. Segundo uma das coordenadoras da escola, por alguns professores trabalharem também em outras escolas, os horários são feitos para não atrapalhar a vida profissional do corpo docente; a direção, em conversa com esses profissionais, tenta conciliar os horários destes.

Na escola América Central têm-se quatro turmas de terceiro ano, sendo duas no período matutino (3º A e B) e duas no turno vespertino (3º C e D). Nos dias da semana observa-se os horários de aulas de cada disciplina, vemos como há uma hierarquia de disciplinas da área de exatas sobre as demais, logo, percebemos que a Física, Química, e a Matemática, em grande parte dos seus horários, são direcionados para as primeiras aulas, por se verificar que os alunos nesses horários estão mais concentrados para absolver o conteúdo, ao passo que a Biologia migra entre o 3º e 6º horário, assim como a Filosofia, Geografia e História. Analisar esses horários faz perceber como o sistema de ensino brasileiro está estruturado para manter a dominação de certas disciplinas sobre as demais, em relação à Sociologia descreveremos como se dar o seu ensino no tópico a seguir.

2.4 O ensino de Sociologia na Escola América Central

De acordo com as Diretrizes Curriculares do Estado da Educação do Maranhão (SEDUC), que determina o que e como deverá ser aprendido e ensinado, a disciplina de Sociologia, no ensino médio no 3º ano, deve reconhecer vários aspectos da vida em sociedade. Discorrendo que a Sociologia é uma das Ciências Humanas que tem como estudo a sociedade, sua organização social e os processos que interligam os indivíduos em grupos e instituições, logo, estuda, portanto, os fenômenos sociais, compreendendo as diferentes formas de constituição das sociedades. Buscaremos aqui analisar alguns aspectos que permeiam o ensino de Sociologia na instituição pesquisada, ressaltando inicialmente, que a carga horária dessa disciplinas, é de apenas uma aula por semana.

O Ensino de Sociologia na escola América Central é ministrado por dois professores, para identificar cada um nessa pesquisa utilizarei as siglas P1, para a docente e P2, para o docente. O P2 leciona apenas em uma turma do terceiro ano, o 3ºB, enquanto que a P1 atua nas séries 3º A e D. Como observamos no quadro 1, os alunos do 3º C não tem aula de Sociologia devido à grande carga horária desses dois professores, e com isso, o P2 optou por não lecionar no 3º C, fato que ocasiona a esses alunos uma grande defasagem no seu ensino.

Numa pesquisa deparamos com inúmeros problemas e desafios, sendo assim, não se teve acesso a essa turma em particular por ter permissão da escola para aplicar a pesquisa apenas nas salas de aula de Sociologia. Porém, teve-se conversas informais com alunos dessa turma e pode-se desenvolver as suas percepções sobre o ensino de Sociologia, que será descrito no próximo capítulo.

Se faz importante agora conhecer o perfil desses dois professores. A P1 é natural da cidade de Morros, no seu percurso de vida já morou em uma cidade vizinha chamada Cachoeira Grande por dois anos. O seu processo de escolarização se deu nas primeiras séries do Fundamental menor até a 7º série do Fundamental maior na escola Estado do Acre, localizada na cidade de Axixá; a P1 enfrentou um grande desafio nessa época, pois tinha que se deslocar de cidade para cidade todos os dias letivos da semana. Da 8º serie em diante a mesma estudou na escola Centro de Ensino Monsenhor Bacellar, uma escola privada localizada na cidade de Morros. A professora tinha uma bolsa paga pelo antigo pároco da cidade, Padre Luís, e a mesma pagava apenas 50% dos estudos. Vale salientar que antigamente na cidade de Morros o único meio de estudo para os alunatos era através do sistema de ensino privado.

Quanto a sua formação acadêmica, a P1 é graduada em Pedagogia pela UEMA e pós-graduada em Psicopedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF, localizado, no município de Paço do Lumiar. A P1, nos informou que seu desejo inicial não era ser professora, mas depois que se casou e mudou para o município de Cachoeira Grande, surgiu à oportunidade de lecionar, porém, a mesma relatou que hoje em dia tem amor pela profissão.

Os seus pais são lavradores tendo o ensino fundamental incompleto. Ela é concursada pelo Estado, porém sua a inserção no Ensino Médio se deu através de um seletivo, como a demanda por professores se fazia grande, ela não precisou prestar o concurso, através do seletivo foi efetivada. Por essa razão, a mesma faz parte do quadro de professores contratados do Estado, a escolha por atuar na cidade de Morros se deu por sua naturalidade do local.

Além da Sociologia, a qual a professora leciona há alguns anos, ela já trabalhou com as mais diversas disciplinas, segundo a mesma apenas Biologia, Química, Física, Matemática e Inglês ela ainda não trabalhou. Em relação à importância da Sociologia no ensino médio a P1 destaca:

A Sociologia é fundamental no Ensino Médio, pois com a mesmas, pois com ela eu posso discutir as questões sociais que permeiam nossa sociedade. E os alunos estão tão carentes disso, é preciso despertar neles o interesse por essas questões, nas minhas aulas, eu estou sempre em busca disso. Tento fazer com que os mesmos participem das aulas, que interagem comigo promovendo debates, e na maioria das vezes eu consigo meu objetivo. Não posso dizer que não tem turmas que não gosto, até agora gosto de todas as minhas turmas, por eles estarem sempre em diálogos comigo, fazendo da aula boa, produtiva.

Em todas as conversas com os alunos, os mesmos mostraram-se satisfeitos com as aulas da professora P1. Ela trabalha muito com o livro didático em sala de aula, fazendo com que os alunos criem o hábito pela leitura e consigam falar sobre aquilo que leem. Ela tenta envolver todas as turmas, porém a P1 confidenciou que por não ter formação específica na área da Sociologia tem muitas dificuldades em relação aos conteúdos e que precisa estudar muito para compreendê-los. A reflexão que podemos fazer é como esses conteúdos são repassados em sala de aula? Como os alunos absorvem tal conteúdo? Todas essas indagações infelizmente foram feitas pela ineficiência da Secretária de Educação do nosso Estado, que deveria direcionar os profissionais da sua área específica para lecionar tais disciplinas.

Quanto ao P2 ele é natural da cidade de São Luís, quando o mesmo era muito pequeno sua família mudou para a cidade de Axixá e permanece até hoje lá. Sua escolarização se deu sempre em escola pública; o mesmo aconteceu com seus pais, estes são autônomos, a formação do P2 é em História pela UEMA. Sobre lecionar, o mesmo declara que sempre teve

vontade de ser professor, porém demonstrou não está muito satisfeito com essa profissão. O vínculo do professor com o América Central se deu através de contrato, o mesmo se encontra nessa posição por meio de um seletivo que se renova de ano em ano, é o primeiro ano do P2 nessa instituição.

Além da Sociologia o P2, leciona as disciplinas Geografia, Filosofia e História, mais uma vez nos deparamos com a falta de formação na disciplina lecionada. O P2 mostrou-se apático a disciplina Sociologia, questionado de qual a importância da Sociologia, o mesmo não soube definir uma posição, só repetiu as palavras: “é importante, é importante”. O P2 reconhece não ter familiaridade com a Sociologia e que tem que estudar muito para conseguir repassar o conteúdo aos alunos.

O mesmo informou que o conteúdo transmitido no 3º ano é o “Papel da escola”. Tal profissional não se demonstrou preparado para lecionar a Sociologia, além da não formação, outro fator observado é a ausência constante do mesmo na escola. O que prejudica ainda mais o alunato do 3º B, pois as disciplina de Sociologia só é ministrada uma vez na semana.

O fato de a disciplina ser lecionada em apenas uma aula semanal se constitui em uma grande dificuldade para alunos e professores. Os primeiros reconhecem que a disciplina deveria ter mais aula durante a semana, já os professores dizem que é pouco tempo para passar todo o conteúdo, tendo que conduzir as atividades de uma para a outra, eles demonstram que essa rotina da disciplina provoca uma defasagem na continuidade dos conteúdos.

Em conversa com uma das Coordenadoras, a mesma me informou que a disciplina Sociologia na instituição, fora sempre lecionada por pedagogos, inclusive a mesma já a lecionou. A coordenadora mostrou insatisfação com a realocação de professores feita pela SEDUC, caso que como observamos não ocorreu na escola. Podemos observar tal indignação nessa fala:

Na escola quando a sociologia passou a fazer parte, os professores que ensinavam eram todos pedagogos, inclusive eu já dei aula de Sociologia. Eu não vejo problemas em darmos aula de Sociologia ou Filosofia, no curso de Pedagogia temos 3 cadeiras de Sociologia e 3 de Filosofia, que ao meu ver nos capacita pra dar essas disciplinas, o pedagogo também é capaz. E eu não entendo porque nos querem tirar essa disciplina, até querem tirar do ensino médio que é muito importante para os alunos, o pedagogo foi sempre o responsável por esse ensino.

Nas discussões da Ciências Sociais sobre o ensino de Sociologia nos deparamos frequentemente com o debate das pesquisas sobre a educação, não é constante vermos a formação de professores nesse debate. A grande preocupação dessas pesquisas estava na

inserção dessa disciplina no Ensino Regular, porém o que se observa é quem seriam esses profissionais que atuariam na disciplina ficou alheia a essa discussão.

Na fala da coordenadora notamos tal fato. Por muitos anos as pesquisas científicas e os profissionais da Ciências Sociais não voltaram seus questionamentos para esse problema, por muito tempo, as Ciências Sociais privilegiou a formação de profissionais voltadas para o bacharelado, o que ocasionou um déficit desses profissionais na área da licenciatura, provocando assim, a falta de profissionais da Ciências Sociais na Licenciatura, o que culminou com a incorporação dessa disciplina por profissionais de outras áreas, principalmente a Pedagogia. Porém, observamos que essa realidade vem se modificando, com a separação entre Bacharelado e Licenciatura é possível formar profissionais mais habilitados para o exercício do ensino dessa disciplina.

No quadro 1 observamos os horários de Sociologia. Os primeiros horários do 3º A e D, advêm da proximidade da P1 com a direção, por ser uma profissional muito carismática ela pediu que o horário fosse modificado. Segundo seus relatos, nas mudanças desse horário, a aula de Sociologia no 3º D era primeiramente no 4º horário, com essa intervenção da P1 passou a ser o 1º. O que observamos é que mesmo as aulas nos primeiros horários dificulta o ensino da Sociologia, pois os alunos chegam à escola atrasados, ficam entrando na sala o que dificulta atenção dos demais, além do fato que os alunos nunca estão em sua maioria nesse horário.

A escola tem uma política de quem chegar atrasado à instituição só entra no 2º horário, o que ocasiona a baixa frequência desses alunatos no primeiro horário. É importante ressaltar que uma parte considerável desses alunos depende do transporte escolar, oferecido pelo Município e Estado, os atrasos advêm desse motivo em particular, para os alunos da zona rural.

Quanto ao ensino de Sociologia no 6º horário, a grande dificuldade observada está na não permanência dos alunos na sala de aula, por dependerem do transporte escolar, os alunos saem da aula mais cedo. Na pesquisa dos 45 alunos no 3º B só pude realizara aplicar o questionário com 18 já que os demais não se fizeram mais presentes. Outro problema nesse ensino é a ausência constante do P2 em sala de aula, desde o começo do ano letivo até o mês de maio essa foi a segunda vez que o profissional esteve presente na sala de aula. Vale salientar, que além da Sociologia nessa turma, no horário anterior, o P2 lecionar Filosofia, o mesmo, no que foi observado, conseguiu discernir as duas disciplinas.

O material didático utilizado na escola é o de Sociologia das autoras Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim, a Editora é a Scipione. O livro é

bem estruturado, contendo 11 capítulos que possuem uma leitura simples. Os temas sociológicos, antropológicos e políticos abordados no livro são: Viver na sociedade Contemporânea, a Sociologia se faz presente; Sociologia como uma ciência da modernidade; A família no mundo de hoje; Trabalho e mudanças sociais; A cultura e suas transformações; Sociedade e religião; Cidadania, política e Estado; Movimentos Sociais; Educação, escola e transformação social; Juventude e o Meio Ambiente.

No início de cada capítulo as autoras expõem aos discentes o que se vai estudar no mesmo. Esses são bem ilustrados e trazem temas que permeiam a vida desses alunos, como a internet e o futebol. Os autores que são trabalhados em cada capítulo tem gravuras e explicações, e no final de cada capítulo, tem a proposta de debate de acordo com o que foi estudado, exercícios de revisão e sistematização, além de sugestões intituladas: Ciências Sociais na biblioteca com referências das obras dos autores; as Ciências Sociais no cinema com sugestões de filmes; as Ciências Sociais na rede com vários sites que tratam dos assuntos abordados em cada capítulo. E por final, traz a Bibliografia consultada, o livro possui ótimos mecanismos para prender os alunos.

Nas aulas de Sociologia, os alunos escolhem os temas do livro, os dois professores utilizam o livro como único recurso didático, que preferem discutir no período. A P1 trabalha com os alunos com as apresentações das mais variadas possíveis (dramatização, seminário) em que os alunos demonstram como entendem cada assunto, enquanto que o P2, nas aulas que já ministrou, trabalha mais com a teoria.

Os dois professores adotam o método de fazer com que os alunos leiam o assunto no livro, e expliquem o que acabaram de ler, sendo que os professores não dão nenhuma explicação anterior. Mais uma vez, nos reportamos a não formação específica nas Ciências Sociais desses profissionais, sendo assim, é possível constatar que o ensino de Sociologia na escola América Central se dar através de mediações pedagógicas deficitárias, que advém dessa não formação dos docentes na escola América Central.

Pode-se observar que os alunos em si, não tem consciência desse déficit, sendo que os mesmos atribuem a uma disciplina, ser boa ou não, ao grau de carisma dos professores que as ministram, e é a partir dessa constatação que analisaremos o próximo capítulo.

Como observado no decorrer do capítulo as formas de representação social estão ligadas as formas de organização social. Os dois últimos tópicos revelam a organização social da escola, nos possibilitando constatar que existe uma hierarquia entre disciplinas que coloca a sociologia em uma posição subordinada. Essa hierarquia pode ser percebida em vários elementos que foram demonstrados nesse tópico: sociologia nos últimos horários ou nos

primeiros implicando a perda de aula pelos alunos; professores que não são formados em Ciências Sociais, carga horária menor que em outras disciplinas; professores que ministram sociologia e outras disciplinas. Podemos constatar que essa hierarquia presente no espaço escolar tanto é produto das intermitências discutidas pelo capítulo 1 quanto atualiza essa dificuldade da sociologia em se institucionalizar.

Demonstrada as formas de organização da escola, pretendemos mostrar no próximo capítulo as formas de representação social desse aluno. Entendendo que a primeira está ligada a segunda, auxiliando na compreensão dessa análise.

3. AS PERCEPÇÕES DO ALUNATO SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo realizar uma caracterização social dos alunos da escola América Central visando compreender as formas de representação social destes alunos sobre a Sociologia.

O capítulo é composto de três sessões, a primeira trata dos alunos do América Central, trazendo uma descrição geral por sexo e idade, e local de moradia. Além de expor o caso do 3º C que não possui aula de Sociologia, relatando a partir das percepções desses alunos pertencentes a essa turma.

A segunda sessão trata do tema escola e família, sendo esta construída a partir dos autores Bourdieu e Maria Alice Nogueira. O primeiro a partir da concepção da ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. A segunda a partir da ideia do novo papel dado ao filho (a). A terceira sessão trata das percepções desses alunos sobre a Sociologia, trazendo consigo uma análise de todas as variáveis discutidas nas sessões anteriores.

3.1 Os alunos do América Central

A pesquisa se propôs a estudar os alunos do terceiro ano, por entender que os mesmos, estando na última série do ensino médio, já tiveram algum tipo de contato com a Sociologia em séries passadas. Foram 74 alunos de três séries envolvidos na pesquisa. Trataremos agora de identificar esses alunos, entendendo sempre que as formas de representação social estão ligadas as formas de organização social, e estas, ligadas aos processos de socialização e escolarização destes alunos.

Nessa pesquisa, é importante salientar que estamos fora dos grandes centros urbanos, falamos de uma cidade do interior do Maranhão, e observamos, como afirma Rocha e Perosa, que às disparidades regionais, sociais e econômicas do país, permanecem sobrepostas as desigualdades propriamente escolares (ROCHA; PEROSA, 2008, p.427).

Das turmas pesquisadas (3º A, B e D), os alunos tinham faixa etária entre 16 e 24 anos. Duas turmas eram do período matutino, onde a idade encontrada era de 16 à 19 anos, enquanto a restante, no período vespertino, se elevava até os 24 anos.

Foi verificado, também, que a média de idade para essas turmas varia em relação ao período estudado, inclusive, vale salientar, que várias dicotomias entre matutino e vespertino foram analisadas, no entanto, tais análises serão abordadas com maior atenção no

decorrer de tal capítulo. Outro ponto importante a mencionar, é que das três turmas, embora fora mencionado um número de 74 alunos, seu total é de 105. A razão disso, se deve em virtude de somente terem sido encontrados para contato, em todas as idas a escola, o número inferior acima mencionado, ademais, muito desse fator se deve aos horários da disciplina Sociologia, ora ocorrida no 1º horário, ora no 6º, acarretando com isto, ausências constantes, de alunos, nesses horários.

Afim de aprimorar o detalhes da pesquisa, foi feito também, uma descrição geral por idade e por sexo, para entender melhor, como estão divididos esses alunos. Dentre esses 74 alunos, 15 possuem dezesseis anos, sendo 9 meninas e 6 meninos. A idade de dezessete anos é a que maior quantifica a série estudada, sendo 25 alunos, 16 meninas e 9 meninos.

Com dezoito anos, temos 16 alunos, 13 meninas e apenas 3 meninos, enquanto a idade de dezenove anos, temos apenas 9 alunos, 5 meninos e 4 meninas. Com vinte anos, temos apenas 4 alunos, porém, esses se encontram apenas na serie 3º B e D, sendo 3 meninos e 1 menina. Com vinte e um anos, temos 2 alunos, um de cada sexo, caso este, que se repete na idade de 22 anos. Por último, temos apenas uma aluna do 3º D com 24 anos.

Com isso, temos assim, um total de 45 alunas e 29 alunos, sendo que no período matutino, existe uma superioridade desses alunos, quando nos reportamos a quantificação, do sexo masculino, e no turno vespertino há um predominância do sexo feminino.

Agora que se conhece a idade e sexo desses alunos, outro fator importante que devemos conhecer é a naturalidade dos mesmos. Constatamos que tais alunos são naturais de 11 cidades distintas, da cidade de Morros, temos 46 alunos, 33 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, enquanto que na cidade de Humberto de Campos temos apenas 3 alunos.

Das cidades de Rosário e São Luís temos 7 alunos cada, e o que observamos é que esses alunos tem os pais naturais da cidade de Morros, e aqueles, nunca de fato, chegaram a morar nas cidades onde nasceram. Nas cidades vizinhas de Morros, em Axixá, temos 3 alunos, e 1 aluno para cada um das seguintes cidade: Icatu, São José de Ribamar, Santa Rita, Matões do Norte, Vitoria do Mearim e Brasília. Vale destacar a história de dois alunos nascidos em diferentes cidades e que moram atualmente em Morros, lembrando que tudo isso é importante para o processo de estudo, tendo em vista a variedade de mecanismos influenciadores no processo de escolarização do ponto de vista sociológico.

O aluno que nasceu em Brasília, veio para a cidade de Morros, em duas oportunidades, uma só para passar as férias em 2002, e a outra, onde voltou definitivamente em 2007, na primeira oportunidade, ele tinha apenas três anos, e quando veio em 2007, ficou para morar com sete anos de idade. Seu pai, confeiteiro, é natural da cidade de Morros e sua

mãe, empregada doméstica, da cidade de Humberto de Campos, o aluno mora com os pais, e ambos estudaram somente até o Ensino Médio, em escola pública. O aluno estudou o ensino fundamental, uma parte em Brasília, e a outra em Morros, somente em escola pública. Essa ida e vinda do aluno de 18 anos está muito ligada as buscas por melhores condições de vida dos pais deste, a migração de cidade em cidade corrobora com essa afirmação.

Quanto a outra história, o aluno de 21 anos, natural de Matões do Norte, cuja mãe, lavradora com ensino fundamental completo, natural da cidade de Bacabal, e o pai, carpinteiro aposentado, natural de Boa Esperança, interior da cidade de Cantanhede, e que antes, morava na cidade de Cantanhede, residindo em Morros à apenas dois meses, aquele, participa de um projeto da igreja Adventista, do qual teve que deixar sua vida e família para se dedicar a tal projeto. Com isso, vemos um caso de um jovem, que ligado a sua igreja, abandona seu lar e família, em busca de melhores condições, esse projeto da igreja é dos chamados missionários, o aluno retrata que veio evangelizar em Morros, e que com tal projeto pode ajudar de alguma forma sua família.

Nessas idas e vindas desses alunos, deparamos com diferentes histórias dos mesmos, 22 alunos já passaram por diferentes cidades acompanhando seus pais em buscar de estabilidade financeira para sua família, e esses alunos, ou nasceram em Morros ou seus pais nasceram, e apesar das voltas que já deram, retornaram ao seu lugar de origem. Dentre essas cidades, destacamos: Vitória do Mearim, Lago Azul – Goiás, Ceilândia – DF, Cantanhede, Santa Rita, São José de Ribamar, Icatu, Cachoeira Grande, Bertioga-SP, Axixá, São Luís, Humberto de Campos, Parauapebas – PA, Rosário e Vila do Conde em Belém. Outro ponto importante observado, é que os alunos que passaram por todas essas cidades, tem em média, idades maiores a faixa etária comum do ensino médio, e grande parte desses alunos estudam no turno vespertino.

Reporta-se agora para uma turma em particular, o 3^oC, na qual observou-se a falta de professores de Sociologia e Filosofia, sendo esta uma realidade na escola. A direção da escola afirma que já comunicou a SEDUC tal problema, porém ainda não obtiveram respostas; os professores de Sociologia, afirmam que sua carga horária já está muito cheia, não tendo disponibilidade para tal turma, resta agora saber em relação aos alunos. O que pensam?

Três alunos dessa turma se disponibilizaram e foram entrevistados. Muitos ficaram receosos e envergonhados, um deles, em conversa, nos informou que é natural da cidade de Morros, assim como os pais, estes lavradores e de ensino fundamental completo. Sobre a ausência de Sociologia na escola, observamos na fala do aluno que:

“A gente pensou que ia ter, mas nem veio professor. Eu nem sei se é bom ou ruim, por um lado é bom, pois, a gente tem menos coisa pra estudar, por outro tem o ENEM ai, né? Então a gente fica sem saber de tudo, é complicado.”

Com isso, podemos observar que o aluno desconhece a real dimensão de como a ausência de uma disciplina nessa etapa de sua formação o prejudica, não saber se é bom ou ruim está ligado as experiências anteriores que o mesmo já teve com essa disciplina. O aluno também retratou, que as aulas de Sociologia nas séries anteriores se tratava unicamente de resumo dos textos do livro e que a professora que ministrava não promovia debate com o alunato. Essas percepções, sobre a ausência dessa disciplina, repetem-se na fala de uma aluna, que assim como a mãe, é natural de Morros, e o pai, de Cachoeira Grande, ambos funcionários públicos com ensino médio completo:

“Desde o 1º e 2º ano a gente tinha Sociologia, só que não era lá essas coisas, era mais resumo, hoje a gente não tem mais. Eu acho que é um grande prejuízo pra nós, como é que vamos saber dessa matéria. Tem gente que fica feliz, mas eu não. Pra mim todas as disciplinas são importantes, e essa também é.”

A discente clama por aprender o que seria de fato a Sociologia, reconhece a sua importância no ensino médio, e declarou que já que não tem aula de Sociologia ela pega o livro e às vezes tem o costume de ler. Ela também nos declarou que gosta da Sociologia, mas quem faz a disciplina é o professor, e que a experiências com essa disciplina não foram muito boas até o momento. Outra aluna que conversamos, que também é natural da cidade de Morros, de pais, pedreiro e dona de casa, com Ensino médio completo, relata o seguinte:

“A Sociologia é importante, toda disciplina é importante né? Nós não temos ela agora, mas já tivemos e foi muito boa, eu gostava bastante, pelo menos já temos uma noção sobre do que ela fala.”

Percebe-se ponto de vistas distintos dos alunos acima citados, essa relação está ligada a origem social e a posição de classe de cada família. As duas alunas de origem social mais baixa apresentam um desconhecimento e/ou o conformismo em relação à ausência da sociologia. A aluna de origem social mais alta já tem uma relação diferente com os estudos.

Com a ausência da disciplina nessa série, deparamos com o tema sobre a ideia de fracasso escolar. Como aponta Bourdieu, todos os fatores que levam a tal conclusão está envolto de um processo organizacional que a escola enfrenta, o que acaba ocasionando desigualdades educacionais dentro dessa instituição. Para Bourdieu, esse fracasso escolar está ligado há uma lógica do sistema educacional enraizado na sociedade, e como podemos definir os “culpados”? Ele aponta o seguinte:

(...) A lógica da responsabilidade coletiva tende, assim, pouco a pouco, a suplantar, nas mentes, a lógica da responsabilidade individual que leva a “reprender a vítima”; as causas de aparência natural, como o dom ou o gosto, cedem lugar a fatores sociais mal definidos, como a insuficiência dos meios utilizados pela Escola, ou a incapacidade e a incompetência dos professores (cada vez mais frequentemente tidos como responsáveis, pelos pais, dos maus resultados dos filhos) ou mesmo, mais

confusamente ainda, a lógica de um sistema globalmente insuficiente que é preciso reformar. (BOURDIEU, 2007, p. 220)

Todos esses fatores, fazem parte da realidade educacional dos alunos do ensino médio da cidade de Morros. A escola, como já reportou-se anteriormente, é mera reprodutora do sistema educacional que encontramos no país, e a falta professores para determinada matéria, posição que a mesma toma em direcionar suas demandas para o Estado, este, infelizmente, não as atende. Através desse ciclo desastroso, vamos formando alunos que não tiveram todas as disciplinas com professores disponíveis, e constatamos que isso por vezes é visto com ar de normalidade, inclusive pelo alunato. Esse processo de escolarização desse aluno, passa profundamente por padrões existentes em nossa sociedade, onde o aluno, a escola (diretores e professores), reproduzem os mesmos discursos.

Diante dessa reflexão, volta-se novamente para os alunos pesquisados, e também incorporamos na pesquisa, o local de moradia dos mesmos. A cidade de Morros é uma cidade pequena, contudo, assim como em grande parte dos interiores do Maranhão, passa por uma “onda” de violência e drogas. Ela pode ser dividida da seguinte forma, o Centro, onde impera o comércio pelos povoados que ficam muito próximos, e outros mais distantes.

Bourdieu (2008) nos fala das estruturas do espaço físico e do espaço social, essa nos ajudará a compreender como os agentes sociais se constituem nesses espaços. O autor afirma:

Os agentes sociais que são constituídos como tais em e pela relação com um *espaço social* (ou melhor, com campos) e também as coisas na medida em que elas são apropriadas pelos agentes, por tanto constituídas como propriedades, estão situadas num lugar do espaço social que se pode caracterizar por sua posição relativa pela relação com os outros lugares (acima, abaixo, entre, etc.) e pela distância que os separa deles. Como o espaço físico é definido pela exterioridade mútua das partes, o espaço social pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais. (BOURDIEU, 2008, p. 160).

O que pode-se salientar são as oposições sociais objetivadas do local de moradia. Mais uma vez recorre-se ao Bourdieu que retrata que: “as oposições sociais objetivadas no espaço físico tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutiva de um princípio de visão e divisão isto é, enquanto categorias de percepção e de apreciação ou de estruturas mentais (BOURDIEU, 2008, p. 162). O local de moradia nos ajuda a compreender como se constitui o discurso desse alunato, contribuindo para a construção dessa análise.

Além do Centro, temos três bairros (Lagoa, Vargem, Coelho) que são marginalizados pela sociedade, e que possuem o número alto de violência e venda de drogas. Nesses bairros, dos 74 alunos, apenas 17 residem nesse local, a maioria desses alunos

estudam no período vespertino, suas idades variam entre 16 e 19 anos, são 10 meninas e 7 meninos, que estão expostos ao convívio diário com a violência e as drogas.

Além desses alunos dos bairros citados, temos também os alunos dos povoados que a escola atende. Esses alunos enfrentam grande dificuldade para suas permanências na escola, sobretudo porque dependem do transporte público. Durante essa pesquisa, muitos alunos desses lugares não nos foram acessíveis, tendo em vista que quando se tratava da aula de Sociologia no último horário, estes saem da aula antes do horário terminar, com permissão do professor, para não perder o ônibus. Que tipo de estrutura esse aluno tem para ter uma formação de qualidade? Todos esses fatores fazem com que essa formação se der de forma insatisfatória e deficitária.

A realidade que se encontram esses alunos da zona rural da cidade de Morros é do roçado, onde muitos desses alunos ajudam seus pais em suas roças no período que não está na escola, com isso, se observa que a família se torna assim a maior incentivadora desse alunato na busca por uma educação “melhor” que a de seus antecedentes, todavia, o que se observa, é que a escola América Central ainda não consegue atender as demandas desses alunos da zona rural. Não estamos falando de se ter uma diferenciação para esses alunos, muito pelo contrário, falamos de um ensino e aprendizagem que atenda às necessidades desses alunos advindos da zona rural.

Entra-se em outra discussão muito importante, que é a família e a escola, e como a família está ligada a esse processo de escolarização desse alunato. Já nos deparamos com as mudanças de cidades constantes dos alunos, no incentivo pela continuidade dos estudos, e agora, outros fatores que nos foram possível perceber nessa pesquisa, serão analisadas no tópico a seguir.

3.2 Escola e Família

A escola e a família são duas instâncias de socialização, e reportamos a essas instâncias, para compreender como a escolarização dos familiares desse alunato implica nos seus próprios processos. Utilizaremos da concepção dos três grupos que se apresentaram, definidos pelo local de moradia: o grupo do Centro, dos Bairros e da Zona Rural.

Para Bourdieu (2007), a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. Isso implica na construção metodológica que pretendemos aqui seguir, partindo da premissa de que o nível cultural da mãe e do pai e de outros antecedentes,

e as categorias socioprofissionais do meio familiar desses alunos, ajuda a compreender essas variáveis que constituem esse alunato.

Uma análise multivariada, levando em conta não somente o nível cultural do pai e da mãe, o dos avós paternos e maternos e a residência no momento dos estudos superiores e durante a adolescência, mas também um conjunto de características do passado escolar, como, por exemplo, o ramo do curso secundário (clássico, moderno ou outro) e o tipo de estabelecimento (colégio ou liceu, instituição pública ou privada), permite explicar quase inteiramente os diferentes graus de êxito obtidos pelos diferentes subgrupos definidos pela combinação desses critérios; e isso sem apelar, absolutamente, para as desigualdades inatas. (BOURDIEU, 2007, p. 43)

Partindo de tal concepção podemos compreender melhor como se dá todo esse processo, no entanto, deixa-se claro que não queremos, com isso, causar uma separação de cada grupo, e que alunos desses três grupos, aqui definidos, estão presentes em todas as séries estudadas. É importante salientar que a relação entre escola e família aqui estudada, não se trata da intervenção dessa família no espaço físico escolar, mas sim, como a escolarização dos pais e de seus ancestrais implicam na escolarização do alunato. Observamos na tabela 1, como estão divididos em quantidade esses grupos de alunos.

Tabela 1 - Grupos de alunos

GRUPOS DE AULNOS	QUANTIDADE
CENTRO	30 ALUNOS
BAIROS	17 ALUNOS
ZONA RURAL	27 ALUNOS

Fonte: Elaboração da autora

Observa-se que a família veio se modificando ao longo dos períodos, para Nogueira (2006), há um novo modelo de família que passa pelo um processo de democratização que se instaura, e é possível perceber uma redefinição do lugar do filho (a), o que acarreta num forte desenvolvimento e diversificação do papel educativo da família. (NOGUEIRA, 2009. p. 160).

Com esse novo papel dado ao filho (a), a escola se torna um grande meio de socialização destes, e os seus pais se tornam os provedores desse meio, sendo responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar desses filhos (as). Com essa mudança, trataremos de fazer uma análise entre a escolarização dos pais e dos filhos (as), entendo que os pais não detinham tal função na sociedade, e essa função, é a inserção e permanência desse alunato na escola. Pode-se perceber, na fala de Nogueira, tal afirmação:

Os pais tornam-se, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instá-la da melhor forma possível na

sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais. Tendo se tornado quase impossível a transmissão direta dos ofícios dos pais aos filhos, o processo de profissionalização passa cada vez mais por agências específicas, dentre as quais a mais importante é, sem dúvida, a escola. (NOGUEIRA, 2009. p. 161)

Percebe-se, com isso, como os processos de socialização e profissionalização vão se modificando de geração em geração. Nas turmas que frequentei, percebi um interesse dos alunos em relação à universidade, e percebe-se, como os mesmos estão empenhados com os vestibulares que se aproximam, havendo no alunato uma preocupação maior em ter uma formação que traga com isso melhores condições de existência, porém entendemos que o tipo de educação a eles oferecida ainda não é suficiente para atender essa necessidade. Nesse ponto, faremos uma análise entre a escolarização e a profissionalização dos pais desses alunos, bem como usaremos o tipo de escolarização dos três grupos aqui estudados para tal.

No grupo dos alunos que tem moradia no Centro, temos 30 discentes³, sendo que 13 estudaram todo seu ensino fundamental e médio em escola pública, e é esse o grupo que analisaremos agora. Tomaremos a quantidade de pais nas suas respectivas modalidades de ensino e profissionalização. Para melhor compreensão dos dados, partiremos da escolarização das figuras paternas e logo em seguida a materna.

Tabela 2 - Escolarização dos pais dos alunos do Centro advindos de escola pública

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	3
ENSINO MÉDIO COMPLETO	2
ENSINO SUPERIOR/PÓS GRADUAÇÃO	1
NÃO SABEM/ RESPODERAM	7

Fonte: Elaboração da autora

Observa-se que os alunos que não sabem ou não responderam, tem uma parcela significativa, quanto a esses, constatamos que na sua grande maioria os mesmos informaram as profissões dos pais, e essas estão vinculadas há uma baixa escolarização. É possível observar essa baixa escolarização na tabela, quando nos referimos à modalidade de ensino, apenas um desses pais possui o ensino superior, enquanto os outros tiveram somente o ensino básico, completo ou incompleto. Está tratando-se dos alunos que residem no Centro e que tiveram

³ Ver tabela 1.

tudo seu ensino fundamental em escola pública, e como foi salientado, essa baixa escolarização se reflete na profissão desses pais. Verificaremos tal afirmação, na tabela 3.

Tabela 3 - Profissão dos pais dos alunos do Centro advindos de escola pública

PROFISSÕES	QUANTDADE
MOTORISTA	1
GERENTE	1
AUTÔNOMO	1
PEDREIRO	1
CARPINTEIRO	1
LAVRADOR	6
NÃO SABEM/ RESPODERAM	2

Fonte: Elaboração da autora

Um fator importante para essa análise diz respeito aos alunos que não souberam/responderam a profissão dos pais. Desses o único pai que possui Ensino Superior, o aluno não soube nos informar sua profissão. Quanto ao restante das profissões nos deparamos mais uma vez com o nível baixo de escolaridade desses pais. Agora iremos analisar a escolarização das mães desses alunos advindos de escola pública, para tanto, utilizaremos a tabela 4.

Tabela 4 - Escolarização das mães

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE
ENSINO FUNADEMTAL INCOMPLETO	3
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	2
ENSINO MÉDIO COMPLETO	2
ENSINO SUPERIOR	1
NÃO-ALFABETIZADA	1
NÃO SABEM/RESPONDERAM	4

Fonte: Elaboração da autora

Percebemos a baixa escolarização também das mães desses alunos, assim como os pais, as mesmas possuem em sua grande maioria, apenas a modalidade básica de ensino, assim, como nos pais, apenas uma mãe possui Ensino Superior, porém, percebemos que o

número de alunos que não souberam/responderam diminuiram, com isso, pode-se interpretar tal fato pela proximidade que os mesmos tem com a mãe, o que implica nesse resultado. Agora se faz necessário expor a profissão dessas mães, para a análise dessa escolarização.

Tabela 5 - Profissão das mães desses alunos advindos de Escola Pública.

PROFISSÕES	QUANTIDADE
PROFESSORA	2
AUXÍLIAR DE DENTISTA	1
DOMÉSTICA	1
DONA DE CASA	2
LAVRADORA	7

Fonte: Elaboração da autora

Com os dados da tabela 5, percebe-se, nesse caso, que o baixo nível de escolarização de grande parte dessas mães é visível, porém observamos que uma dessas possui ensino superior, e entre as profissões dos avós maternos e paternos, esta é uma realidade ainda pior, em sua grande maioria, os alunos demonstraram não conhecer as profissões e escolarização de seus avós, e os que sabem ou os avós não são alfabetizados ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto.

Para análise de outro grupo de alunos do Centro, toma-se os que estudaram todo seu ensino a maior parte em escola pública, destes, temos 6 alunos. Os pais, em sua maioria, tem o ensino médio completo, o que já modifica o quadro anterior. Esses alunos advindos dessa realidade, tem seus pais com as seguintes profissões, vigilante (1), lavrador (2) funcionário público (1), vendedor (1), autônomo (1). Quanto as mães as profissões são: técnica em enfermagem (1), professora (1) dona de casa (1), manicure (1), e dois desses alunos não souberam responder, quantos as avós, a maioria dos alunos também não souberam responder as profissões destes. Percebemos como no caso das mães não encontramos nenhuma lavradora o que contribui para essa transição do ensino privado pra o público, o que advém de melhores condições financeiras.

Tem-se outro grupo desses alunos do Centro, que são os alunos que estudaram todo seu ensino fundamental em escola privada, apenas quatro destes fazem parte dessa estatística. Quanto à formação dos pais, dois tem ensino médio completo e dois ensino superior, quanto às mães, apenas uma possui o ensino fundamental completo, uma possui ensino superior e duas ensino médio completo.

Percebe-se como o nível de formação desses pais se encontram em um nível superior aos pais dos alunos que estudaram todo o seu ensino em escola pública e os que estudaram maior parte nesse mesmo nível de ensino. Dos 74 alunos aqui estudados, só quatro se encontram nessa situação, as profissões desses pais, passam por professor (a), comerciante e técnica em enfermagem, fato que favoreceram os estudos desses alunos em instituição privada. Desses discentes apenas um é natural da cidade de Morros, porém todos eles tiveram seus estudos em uma instituição da referida cidade.

Vale salientar, que esses alunos estudam em escola pública atualmente, devido ao América Central ser o único estabelecimento escolar no Centro da cidade a oferecer o Ensino Médio Regular. Desses alunos, todos são pertencentes ao 3º A, partimos então para o último grupo desses alunos do Centro.

Desse, fazem parte cinco alunos que tiveram seu ensino fundamental a maior parte em escola privada, as mães desses alunos tem maior escolarização que os pais, sendo uma pós-graduada e as outras com ensino médio completo, e percebemos que os avós maternos do alunato também possuem uma formação maior, quanto aos pais, sua escolarização passa por ensino fundamental incompleto, até o ensino médio completo, e essas são perceptíveis nas ocupações de pais e mães, que não se diferenciam tanto passando por profissões como professor (a), motorista, comerciante, policial, empregada doméstica. Desse quadro são pertencentes os alunos do 3º A e B. Nos dois casos que envolvem o ensino privado de alguma forma, não temos nenhum aluno do período vespertino.

Para finalizar a análise, do grupo do Centro, salienta-se que dois desses discentes não informaram a sua trajetória escolar no ensino fundamental, porém todo o seu ensino médio está sendo em escola pública. De um dos alunos, os pais possuem ensino médio completo, os avós maternos ensino fundamental incompleto e os avós paternos, o mesmo não soube nos informar, a profissão do pai é vigilante, e a mãe, segundo o discente não tem nenhuma profissão, já o outro discente, a escolarização do pai ele não soube nos informar, a da mãe é ensino médio completo, sendo que as profissões são vigilante e zeladora, do pai e mãe, respectivamente.

Feito esses estudo sobre os alunos do Centro, parti-se agora para os alunos dos Bairros marginalizados, onde o índice de violência e drogas é grande, 17 alunos residem nesses locais, a maior parte desse alunato estudou seu ensino fundamental em escola pública, e apenas três desses estudaram a maior parte na mesma modalidade de ensino passando em algum momento pelo ensino privado. Quanto à escolarização dos pais, demonstraremos na tabela 6:

Tabela 6- Escolarização dos pais dos alunos dos Bairros.

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	5
ENSINO MÉDIO COMPLETO	4
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	1
NÃO SABEM/RESPONDERAM	7

Fonte: Elaboração da autora

A escolarização desses pais dos alunos, advindos dos Bairros marginalizados é muito baixa, a modalidade de Ensino Superior não aparece nessa estatística. Todos esses pais só passaram pela modalidade básica de ensino sendo em sua grande maioria realizada de forma incompleta. Esse fator da escolarização também implica na profissionalização destes, observaremos na tabela 7.

Tabela 7 - Profissões dos pais dos alunos dos Bairros.

PROFISSÕES	QUANTIDADE
CONFEITEIRO	1
PESCADOR	1
MOTORISTA	2
PROFESSOR	1
VIGILANTE	1
AUTÔNOMO	1
PEDREIRO	2
LAVRADOR	8

Fonte: Elaboração da autora

Esses alunos, demonstraram conhecer a profissão de seus pais, das mais variadas profissões possíveis que o nível de escolaridade os permite, esses pais estão inseridos. Em sua maioria esses pais são lavradores, desses grande parte dos alunos declararam não saber a escolarização dos seus pais. Percebemos que em um caso temos um professor, porém esse aluno nos informou que seu pai possui apenas Ensino Médio Completo, conhecendo a escolaridade dos pais, vamos fazê-lo agora com as mães. Na tabela 8, relataremos os dados obtidos.

Tabela 8 - Escolarização das mães dos alunos dos Bairros

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	4
ENSINO MÉDIO COMPLETO	5
ENSINO SUPERIOR	2
NÃO SABEM/RESPONDERAM	6

Fonte: Elaboração da autora

Observa-se como a escolarização das mães desses alunos está disposta de forma regular, em comparação aos pais destes, é possível incluir a modalidade Ensino Superior nessa análise. Há uma quantidade significativa de mães que possuem o Ensino Médio Completo, assim como as que possuem apenas o ensino fundamental, porém, de forma incompleta. E como já vimos estudando, vamos identificar como essa escolarização atua na profissão dessas mães, na tabela 9.

Tabela 9 - Profissão das mães dos alunos dos Bairros

PROFISSÃO	QUANTIDADE
CABELEIREIRA	1
DOMÉSTICA	1
FUNCIÓNÁRIA PÚBLICA	2
PESCADORA	1
PROFESSORA	3
LAVRADORA	6
DONA DE CASA	2
NÃO SABEM/RESPONDERAM	1

Fonte: Elaboração da autora

Um fator importante que pode-se absolver quanto à profissão das mães, é que as que possuem a profissão de lavradora, os alunos não souberam/responderam sua escolarização e/ou possuem apenas o Ensino Fundamental de forma incompleta. As mães desses alunos em geral tiveram uma escolarização maior que a dos pais destes, isso implica na profissão de cada uma, e nos mostra porque todos esses alunos advém todo o seu processo de ensino da escola pública, fato que difere de alguns grupos de alunos do Centro.

Parte-se agora, para outro grupo estudado, deste fazem parte os alunos da Zona Rural da cidade de Morros, são nove povoados que esses advêm. O modo de vida predominante nesses povoados é voltado para a agricultura. Vamos então, fazer uma análise sobre a escolarização desse alunato, que são um total de 27, enquanto no grupo dos alunos do Centro poderíamos fazer uma distinção entre advindos da escola pública e privada, nesse caso em específico grande maioria dos alunos estudaram todo o seu Ensino Fundamental em escola pública e apenas um aluno estudou maior parte nessa modalidade de ensino. Esse aluno, não soube nos informar a escolarização dos pais e os mesmo são lavradores.

Nesse grupo vem às disparidades em relação à escolarização dos pais, apenas um pai possui Ensino Médio Completo. Os outros possuem Ensino Fundamental Completo e Incompleto e têm-se dois que não são alfabetizados. E mais uma vez a modalidade de Ensino Superior não aparece nessas estatísticas, tal como observamos na tabela 10.

Tabela 10 - Escolarização dos pais dos alunos da Zona Rural.

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	5
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	5
ENSINO MÉDIO COMPLETO	2
NÃO ALFABETIZADOS	2
NÃO SABEM/RESPONDERAM	13

Fonte: Elaboração da autora

Vemos nessa tabela que os pais desses alunos estiveram inseridos apenas na modalidade de ensino básico, de forma completa ou incompleta. E a quantidade de alunos que não souberam responder é muito significativa, porém ao observarmos as profissões desses pais veremos que os alunos nos deram respostas. Esses dados obtidos serão expostos na tabela 11.

Tabela 11 - Profissão dos pais dos alunos da Zona Rural

PROFISSÃO	QUANTIDADE
VIGILANTE	1
CARPINTEIRO	1
PEDREIRO	3

PROFISSÃO	QUANTIDADE
VENDEDOR	1
OPERADOR DE MÁQUINA	1
LAVRADOR	18
NÃO SABEM/RESPONDERAM	2

Fonte: Elaboração da autora

Percebemos como a grande maioria dos pais desse alunato tem como profissão Lavrador, isso está diretamente ligado ao local de moradia, como já definimos nessa pesquisa. Ao observamos a escolarização e profissão desses, nos deparamos com o ensino no campo deficitário, muito desses pais não estudaram todo o ensino básico. Uma importante observação, é que os pais que não estão inseridos na profissão de Lavradores, seus locais de moradia se faz próximo ao Centro da cidade de Morros. Os outros se encontram em povoados mais distantes, que dependem da agricultura para sua subsistência. Observamos agora, a escolarização das mães desses alunos, expostos na tabela 12.

Tabela 12 - Escolarização das mães dos alunos da Zona Rural

MODALIDADE DE ENSINO	QUANTIDADE
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	6
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8
ENSINO MÉDIO COMPLETO	3
NÃO ALFABETIZADA	1
NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM	9

Fonte: Elaboração da autora

Quando se refere as mães os alunos demonstraram ter mais conhecimento, no que se refere a escolarização. Mais uma vez, quando falamos dos moradores da Zona Rural, não nos deparamos com a modalidade de Ensino Superior. E quando nos deparamos com a profissão dessas mães, vemos que assim como os pais a maioria dessas são lavradoras, e com outras profissões que refletem o baixo nível de escolarização destas. Pode-se observar quais são essas profissões na tabela 13.

Tabela 13 - Profissão das mães dos alunos da Zona Rural

PROFISSÃO	QUANTIDADE
FUCIONÁRIA PÚBLICA	3
DIARISTA	1
COZINHEIRA	1
DONA DE CASA	3
LAVRADORA	18
NÃO SABEM/RESPONDERAM	1

Fonte: Elaboração da autora

Percebe-se como entre as mães desses alunos, a profissão lavradora também se encontra em maior quantidade e as demais profissões, assim como acontece com os pais, estão ligadas a baixa escolarização. Os alunos que não sabem sobre escolarização e profissionalização dos pais, em sua grande maioria não mora com um dos dois. Esse alunos da Zona Rural tem a escolarização maiores que a dos seus pais, isso se reflete no que afirma, Nogueira (2006) a redefinição do papel do filho(a), a valorização pela permanência na escola se torna para os pais uma esperança que seus filhos obtenha melhores condições financeiras.

Pensando assim, depara-se com o sistema de ensino público que ocasiona a esse aluno um déficit na aprendizagem, porém, mesmo esse aluno vindo de classes menos desfavorecidas não implica necessariamente no seu fracasso escolar. Mas, estaríamos falando do desempenho individual, e a coletividade mostra outras realidades. Esse aluno acaba por ter um diploma desvalorizado, pois não obterá um ensino de qualidade. Bourdieu retrata bem o que ocorre nesses casos, como observa-se a seguir:

Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes pagas com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado, e se fracassam, o que segue sendo seu destino mais provável, são voltados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante e mais total do que era no passado. (BOURDIEU, 2007, p. 221)

Os alunos advindos da zona rural encontram nos seus pais um passado de fracasso escolar, a permanência desses na escola, é exatamente a consciência desses pais para com o seu passado. E esses sabem que só através dos estudos essa estigmatização sofridas por seus filhos pode ser superada. E assim de geração em geração a realidade familiar irá se modificar.

Nesses três grupos percebe-se as diferentes formas de escolarização e profissão dos pais, todos esses fatores contribuem para o processo de escolarização e socialização desses alunos. Tendo penetrado na escola, no corpo docente, nas disciplinas, no ensino de

Sociologia, nos alunos, e na família vamos agora compreender a percepção desses sobre a Sociologia no Ensino Médio, depois de conhecermos todas as estruturas que constituem os alunos do 3º ano do América Central, veremos no tópico a seguir suas percepções sobre a Sociologia.

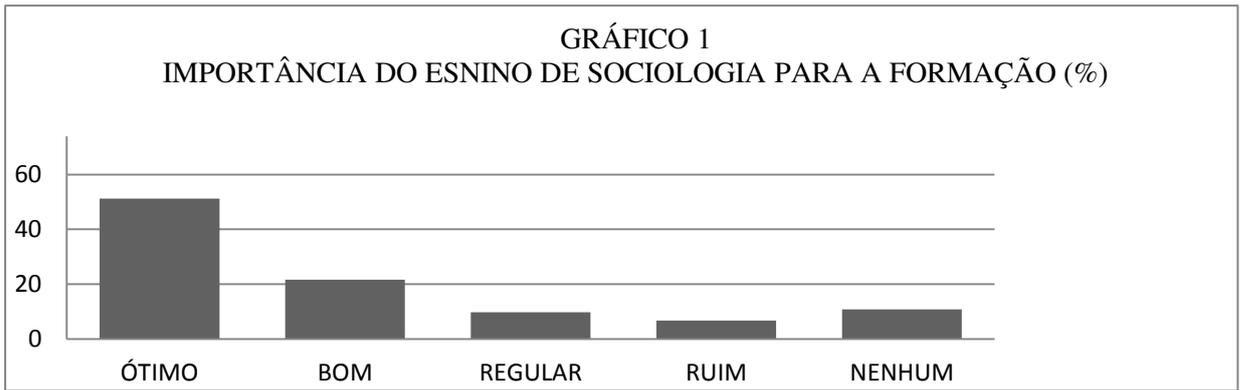
3.3 As percepções dos alunos sobre a Sociologia

Compreender as percepções dos alunos acerca do ensino de sociologia é de fundamental importância para dar legitimidade a essa disciplina na última etapa da formação da educação básica desse aluno, ademais, as percepções aqui analisadas, tratam-se de interpretações dos indivíduos, dos aspectos sociais e culturais de uma sociedade, a qual estes estão inseridos. Tais interpretações tem haver exclusivamente com as realizações humanas que servem tanto para organizar a vida em sociedade como para dá-lhe algum significado, o que vem a ser parte integrante do presente trabalho, através da inserção deste, no grupo de pesquisas no interior da Sociologia da Educação que vem investigando o ensino médio.

Mais uma vez, nos reportamos à perspectiva durkheimiana, para ele, as formas de representação social, estão ligadas as formas de organização social, e com o que estamos observando na pesquisa, nos é possível constatar que o ensino de Sociologia na escola América Central se dá através de mediações pedagógicas deficitárias, que advém da não formação dos docentes na Ciências Sociais. Os alunos articulam a eficiência de uma disciplina ao profissional que a ministra. Filho (2014), ao tentar postular sobre o objetivo da educação e da Sociologia nos relata:

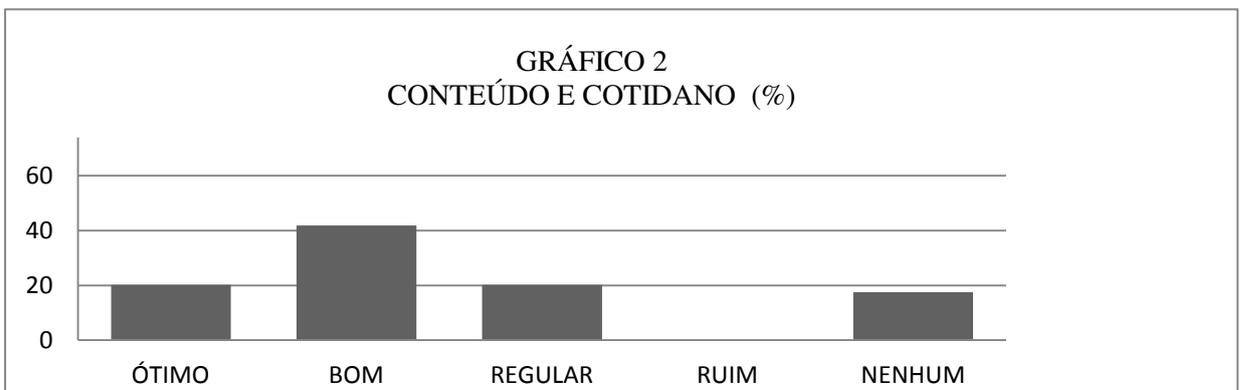
Podemos postular que os objetivos da educação em geral e da sociologia no nível médio em particular dependem, em certo sentido, das posições tomadas pelos agentes da educação, e no caso dos professores de sociologia, ou da instituição escolar como um todo, no campo das teorias pedagógicas e das próprias condições objetivas de trabalho que as instituições oferecem. (FILHO, 2014. p. 71)

As percepções desse alunato estão ligadas a toda a organização social levantada até aqui, e o modo como a instituição e os professores lidam com as disciplinas, intervêm nessas representações. As experiências que esses alunos tiveram com a disciplina Sociologia anteriormente, também atuam nesse processo, para compreendermos de uma forma geral como os alunos entendem a disciplina vamos identificar suas avaliações sobre a mesma. Vamos ver no Gráfico 1, a importância que esses alunos dão a Sociologia



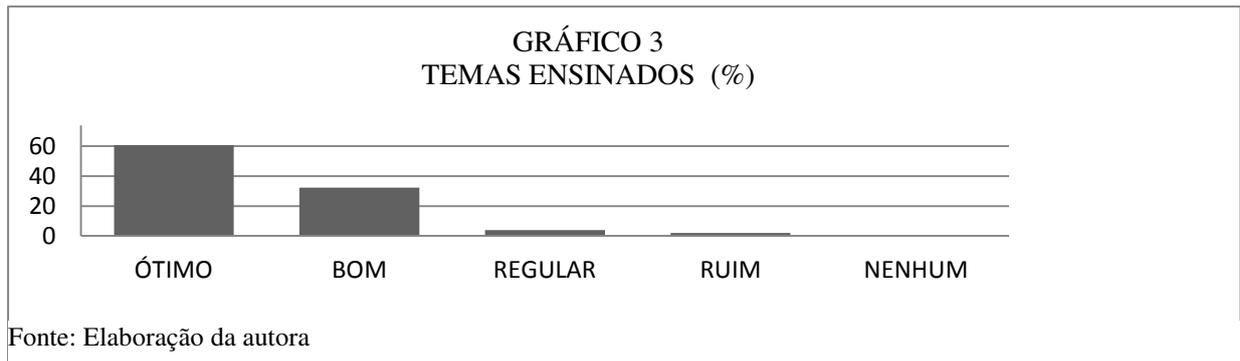
Fonte: Elaboração da autora

Sobre a importância da Sociologia 51,3% dos alunos declaram que essa disciplina é importante para a sua formação, essa constatação se baseia na contribuição que a mesma trás para os alunos no que se refere à redação dos vestibulares, os alunos reconhecem que com a Sociologia a sua argumentação na escrita fica mais enriquecedora. Outra avaliação que podemos destacar é em relação aos conteúdos que são aplicados na sala de aula, os alunos declaram se estes assuntos estão relacionados ao cotidiano, no gráfico 2:



Fonte: Elaboração da autora

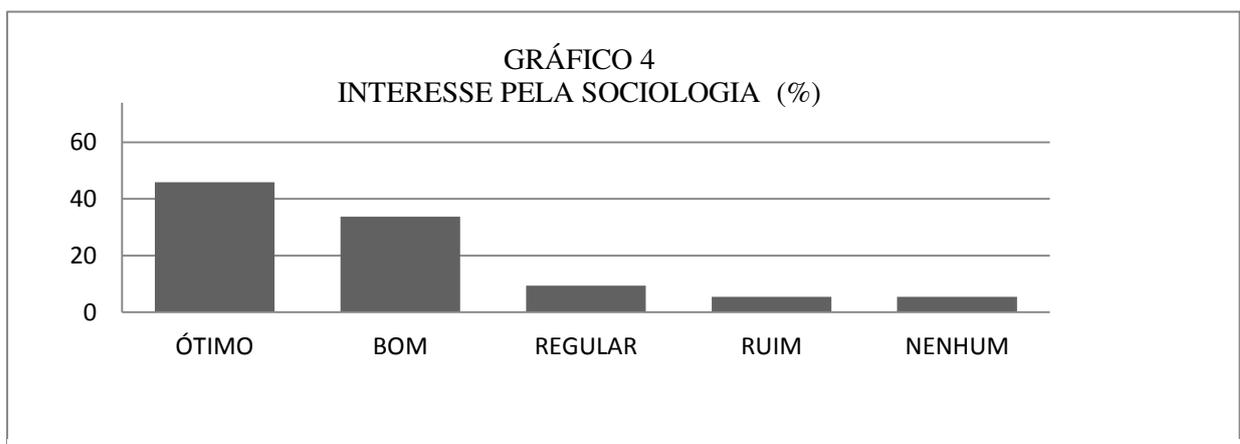
A maioria desses alunos declaram ser bom, 41,8%, o conteúdo da disciplina Sociologia tratando dos assuntos que estão presentes no cotidiano. Os que opinaram que a disciplina não ter nenhuma associação com o cotidiano são 17,5% um número alto se levarmos em conta que a sociedade é o estudo constante da Sociologia. Tais alunos demonstraram não saber de fato o que a Sociologia estuda. Outro fator que se faz importante analisar é como os alunos avaliam os temas que são abordados em sala de aula. Como observamos no gráfico 3:



Os alunos demonstraram interesses pelos temas ensinados, 60,8% acha que esses são ótimos, 32,4% avaliam como bons. Percebemos que nenhum aluno não demonstrou insatisfação com os temas estudados. Os que avaliaram que os conteúdos não tivera nenhuma relação com o conteúdo, nesse caso em particular demonstraram um interesse ruim pelos temas ensinados, muito desse fato se deve ao próprio aluno. Sobre os temas abordados uma aluna declara:

“Depende muito do professor, tem professor que aborda temas do nosso dia a dia, né. Já tem outros que botam mais aquela coisa de não dar aquela aula muito boa não. (Aluna 3ºB).”

Como observa-se na fala da aluna, os mesmos se sentem melhor contemplado com as aulas quando os conteúdos abordam assuntos do cotidiano, o professor é a peça chave na construção dessa eficácia da disciplina, os discentes atribuem o interesse pela Sociologia há poder discutir temas que estão na sociedade. Sobre o interesse desses pela Sociologia, observaremos no gráfico 4:



A maioria do alunato demonstrou na avaliação, que seu interesse pela Sociologia é realizado de forma ótima, temos 45,9% destes, os que declaram tal avaliação ser boa foram 33,7%, os que acham que o interesse é regular são 9,4%. Os que acham que é ruim e os que

não tem nenhum interesse são, respectivamente, 5,4%. Com base nessas avaliações, é que partiremos agora para as percepções desse alunato sobre a Sociologia, traremos no primeiro momento as percepções sobre os conteúdos ministrados nas aulas de Sociologia, para logo em seguida tratarmos da percepção sobre a Sociologia, para tanto é preciso conhecer esses alunos que contribuirão para a pesquisa, demonstraremos no quadro 2:

Quadro 2- Alunos que nos deram suas percepções

Identificação	Idade	Sexo	Local de Moradia	Série
Aluno 1	17	F	Centro	3° B
Aluno 2	21	F	Centro	3° B
Aluno 3	18	M	Bairros	3° B
Aluno 4	17	M	Centro	3° A
Aluno 5	16	M	Centro	3° A
Aluno 6	17	F	Centro	3° A
Aluno 7	17	F	Centro	3° A
Aluno 8	16	F	Centro	3° A
Aluno 9	16	M	Centro	3° A
Aluno 10	18	F	Zona Rural	3° D
Aluno 11	20	F	Zona Rural	3° D
Aluno 12	17	M	Bairros	3° D
Aluno 13	19	M	Centro	3° D
Aluno 14	21	M	Centro	3° D

Fonte: Elaboração da autora

Vamos relatar primeiro as percepções desses sobre os conteúdos da disciplina, alguns desses alunos demonstraram não ter conhecimento do que havia sendo discutido em sala de aula, esse fato fora observado com os alunos do período matutino. Apesar de alguns desses alunos terem estudados todo o seu ensino fundamental em escola privada, estes foram os que demonstraram não saberem sobre os conteúdos, como observamos nas seguintes falas:

“É interessante... e... é... é interessante.(Aluno 4, 17 anos, 3° A).

Sei lá, eu não estou acompanhando muito os assuntos, então, não sei. (Aluno 5, 16 anos, 3° A).

É muito bom, porque dar pra aprender um pouquinho de cada coisa. (Aluno 7, 17 anos, 3° A).”

Outros alunos associam os conteúdos ao aprender a conviver em sociedade, para os mesmos esses conteúdos auxiliam a conhecer a sociedade em que vivem, possibilitando um convívio entre as pessoas, observamos essa constatação nas seguintes fala dos alunos:

É bom porque abri um pouquinho à cabeça da gente, sobre a sociedade. Pra gente aprender um pouco mais e saber conviver né? Com as pessoas. (Aluno 2, 21 anos, 3º B).

São bem interessantes os assuntos, dar pra gente aprender o nosso convívio com a sociedade, tá bem interessante. (Aluno 6, 17 anos, 3º A).

É bem interessante aprender a conviver com a sociedade, entre outras coisas. (Aluno 9, 16 anos, 3º A).

Os alunos do período vespertino demonstraram maior conhecimento dos temas que vinham sendo abordados em sala de aula, e nos deram suas percepções sobre esse assunto e a Sociologia em si, o tema abordado era Juventude. Segundo, os alunos esse assunto fora escolha dos mesmos. O que constatamos é que os alunos pertencentes a turno vespertino, que estão no grupo dos alunos que estudaram todo seu ensino fundamental em escola pública, agrumetaram com mais clareza a percepção desses sobre a Sociologia. Observaremos, tal contestação nas falas a seguir:

“Agora nós estamos falando da juventude (...) Eu acho muito importante, porque nós somos jovens, né? E eu acho importante. (Aluno 10, 18 anos, 3º D).

É uma maravilha, porque a Sociologia fala muito de sociedade, jovens, então tá sendo ótimo estudar sobre a juventude, sobre nós. (Aluno 11, 20 anos, 3º D).

Eu acho legal, porque o assunto que a gente tá dando tem tudo haver com o nosso dia a dia, então, é... Ajuda bastante, a gente, conviver em sociedade (Aluno 12, 17 anos, 3º D).

É o nosso tema atual hoje, que nós estamos dando é sobre a Juventude. Tema que nós escolhemos né, pra sala. É muito top, aprendemos bastante. Ela apresentou vários temas, capítulos, e nós, a turma escolheu esses, da juventude. É assim, muito top. (Aluno 14, 21 anos, 3ºD).”

Pode-se perceber que as percepções dos alunos sobre os conteúdos ensinados estão fortemente ligadas a dois eixos, aqui entendido por nós, o primeiro seria a disposição do alunato para com a disciplina, os que não sabem o conteúdo ensinado demonstram que a Sociologia é só mais um componente curricular que os mesmos precisam para a sua formação. Percebemos que esse primeiro eixo está ligado a uma cultura organizacional presente na instituição. O segundo eixo, seria o papel de atuação do professor, como já observamos os alunos atribuem a eficácia de uma disciplina ao professor, e isso não foge da Sociologia. Embora a P1, não tenha formação específica na Ciências Sociais, o alunato reconhece a disciplina Sociologia como importante pela atuação na condução da mesma por essa profissional.

Quando deparamos com as percepções sobre a Sociologia que, é moldada pela organização social desse alunato, percebemos representações sobre a disciplina ligadas ao

pensar o cotidiano, a conviver em sociedade e as relações sociais. Mas, também apareceram outras formas de pensar sobre a Sociologia. Uma dessas podemos perceber na fala de um aluno, a Sociologia também vista como apenas uma disciplina de sala de aula, como algo que se deve estudar para obter nota. Vejamos a fala do aluno:

“É importante, porque é uma matéria um pouco mais, que vou ter que prestar mais atenção, ela não é muito difícil é uma questão só de compreender. (Aluno 3, 18 anos, 3º B).”

Outras formas de perceber a Sociologia também foram encontradas como percebemos nas mais distintas falas a seguir:

“Eu acho muito importante já que estuda a sociedade, né. A cabeça do ser humano. (Aluno 1, 17 anos, 3º B)

É bom porque a gente aprende um pouco mais e a gente aprende a dividir as coisas, sabe? Por que tem muita coisa que acontece que a gente aprende de um jeito, mas, na verdade é de outro. E a Sociologia ela ensina muito assim, nesse aspecto. (Aluna 2, 21 anos, 3º B).

Eu acho legal, eu acho também que a Sociologia deveria começar a partir da 8ª série, e não a partir do 1º ano, então. (Aluno 11, 20 anos, 3º D).”

Nessas percepções, vemos representações sobre a Sociologia extremamente interessante. A aluna 1, tem uma representação sobre essa disciplina mais voltada a área da psicologia, ao expor que a Sociologia estudaria a cabeça do ser humano. Mas, percebemos que a mesma conhece que o estudo da Sociologia é sobre a sociedade. Quando nos deparamos com a Aluna 2, percebemos em sua fala o papel de desconstrução e desnaturalização que tal disciplina exerce sobre a mesma, a aluna demonstrou ter consciência desse processo. A aluna 11, relata sua crítica para com a disciplina na educação básica, defendendo a inserção dessa ensino fundamental maior, percebemos como os alunos, tem consciência sobre o seu processo de escolarização.

A grande maioria dos alunos associam suas percepções em relação à Sociologia ao convívio em sociedade. Os mesmos retratam a Sociologia como mediadora desse convívio, e isso se dar através do conhecer ao outro. Para esse alunato a Sociologia ajuda a conhecer a sociedade dos quais estão inseridos, e só ao conhecer poderá se ter uma boa relação social com os demais indivíduos, percebemos na fala dos alunos:

“A Sociologia como sendo o estudo da sociedade como um todo, é uma coisa muito importante, por que iremos obter sucesso através disso, como se adaptar na sociedade, como conhecer as pessoas da sociedade. Como, viver na sociedade,

então, isso é muito importante para nós, viver e conviver em sociedade. (Aluno 14, 21 anos, 3º D)

Eu acho legal, por que como a gente vive em sociedade, é bom saber sobre a sociedade, né? É bom estudar sobre ela, eu acho legal, é bom. (Aluno 10, 18 anos, 3º D).

Eu acho que ensina a gente um pouquinho a viver, a conviver com diferente tipos de sociedades, diferentes tipos de pessoas. (Aluno 7, 17 anos, 3º A).

É importante pra se ter um convívio bom com as pessoas, com todo mundo. (Aluno 6, 17 anos, 3º A)

É também interessante, pois ele, ele vai ensinar os jovens, as pessoas a conviverem melhor em uma sociedade. (Aluno 4, 17 anos. 3º A)”

As percepções do alunato do América Central sobre o ensino de Sociologia envolve toda uma estrutura organizacional. Essa demanda por associar a Sociologia a conviver em sociedade está voltada a uma exposição de conteúdos voltados para o ser cidadão, do que ser o pensador crítico. Essa Sociologia na escola América Central, regressa aos primórdios da inserção da disciplina na educação básica brasileira.

CONCLUSÃO

A Sociologia passou/passa por um processo de intermitências no que se refere a sua institucionalização. Observa como esses contribuíram para a desvalorização da mesma, tendo em vista que a Sociologia no ensino médio está envolta em vários fatores que ocasionam seu papel de subordinação. No estudo percebe, que esses fatores, estão envoltos na não formação dos professores em Ciências Sociais, a carga horária menor que as outras disciplinas, os horários dispostos de forma com que o alunato não acompanhe a essas aulas. Percebe que essa grande implicação também se faz na formação de professores, ou seja, quem serão os profissionais que ministram a disciplina, e se entende que é preciso que as Ciências Sociais esteja direcionada para essas questões. O que observa são professores não formados na área das Ciências Sociais que tradicionalmente lecionam a Sociologia.

Essa não formação específica nas Ciências Sociais se observa no campo empírico. Na escola América Central os dois profissionais que lecionam a Sociologia não tem formação específica, ocasionando aos discentes e docentes um déficit no ensino/aprendizagem.

Ainda sobre a escola América Central, percebe que ela está envolta de um ensino público deficitário presente em toda a estrutura educacional do país. A mesma não consegue atender as especificidades de todos os alunos, tal fato não implica na responsabilidade de seus gestores, como salientado, essa ineficácia está ligada há um sistema educacional ineficiente. E todos esses fatores se refletem no ensino da Sociologia. Ademais os alunos de tal escola encontram-se em três grupos apresentados nessa pesquisa, Centro, Bairros, Zona Rural, o que ocasiona uma ineficácia em reconhecer as especificidades de cada grupo.

A representação que o alunato da escola América Central tem em relação a Sociologia está embutido em um pensar sobre o conviver em sociedade, essa demanda por associar a sociologia ao conviver em sociedade está voltada a uma exposição de conteúdos voltados para o ser cidadão, fato esse que advém de toda a estrutura organizacional da escola América Central. O que reporta aos primórdios da formação da Sociologia no Brasil, quando seu ensino está envolto a noções de civilidade e higienismo, percebe assim, a dificuldade que essa disciplina tem em se institucionalizar, e ainda atualiza o debate sobre sua profissionalização.

A dificuldade da institucionalização da Sociologia está ligada às dificuldades da educação básica como um todo, é preciso pensar nesse debate imerso de um sistema de ensino público deficitário em nosso país.

É preciso que as Ciências Sociais tomem pra si o discurso da formação de professores, desde sua institucionalização a Sociologia enfrenta esse desafio. O que contribui para a precarização do ensino de Sociologia no Brasil. A Sociologia se encontra em uma posição subordinada tanto na escola América Central, como nas demais escolas públicas brasileiras. No processo de formação enquanto ciências e disciplina a Sociologia em um primeiro momento se via direcionada à elite, com seus processos de intermitências tal disciplina/ciência perdeu o status antes adquirido. Tal fato ocasiona outra discussão, que se encontra na decadência do ensino público. O ensino público quando direcionado as classes sociais mais baixas, traz consigo, a ineficiência do ensino/aprendizagem.

Compreender o processo de formação da sociologia enquanto ciência e disciplina contribuiu para a análise do ensino de sociologia na escola América Central. O que ajuda a partir da perspectiva durkheimiana compreender as percepções de alunato de tal escola. Constatou-se que há uma hierarquia nesse espaço escolar, o que se percebe que é tanto produto das intermitências discutidas, quanto atualiza a dificuldade da sociologia em se institucionalizar. É Por isso, se faz tão necessário uma pesquisa como essa, pois contribui para refletir sobre os processos de intermitência no ensino da Sociologia no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido. Centralidade em cursos de Didática nas Licenciaturas: rupturas e ressignificações. In: _____. **Estágios Supervisionados na Formação Docente: Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 19-40.

ARAÚJO, Silva Maria de. **Sociologia: ensino médio**. 1 ed. São Paulo, Scipione, 2013. Volume Único.

AZEVEDO, Fernando. A Antropologia e a Sociologia no Brasil. In: _____. **A cidade e o campo na Civilização Industrial e outros Estudos**. São Paulo: Edições melhoramento, 1962.

BOURDIEU, Pierre. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). **Escritos de Educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.185-216.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice (Org.) **Escritos de Educação**. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 39-64.

_____. Efeitos de Lugar. **A Miséria do Mundo**. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 159-166.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BETHENCOURT, Francisco (Org.). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. - Bertrand Brasil S.A, 1989. p. 17 – 58.

_____. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 05, p. 193-216, jan./jul. 2011.

_____. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice (Org.) **Escritos de Educação**. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 217-228.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice (Org.) **Escritos de Educação**. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.71-60.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Lei n° 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei n° 11.684**, de junho de 2008. Altera o art. 36 da lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir Filosofia e Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, 3 de julho de 2008.

_____. **Lei 72.493**, julho de 1973. Dispõe sobre outras atividades de Nível Superior. Presidência da República – Casa Civil, Brasília, 19 de julho de 1973. Disponível em: <www.25.senado.leg.br/web/atividade/materiais/-/materia/26611>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CANDIDO, Antônio. A Sociologia no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 271-301, julho. 2006.

FERREIRA, Vanessa do Rêgo; OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. O Ensino de Sociologia como uma campo (ou subcampo) científico. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 37, n.1, p. 31-39, jan.-jun. 2015.

FILHO, Enno D. Liedke. A Sociologia no Brasil: histórias, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 14, p. 376-437, jul/dez. 2005.

FILHO, Juarez Lopes de Carvalho. O Ensino de Sociologia como Problema Epistemológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v, 39, n.1, p. 59-80, jan./mar. 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. 5º ed. São Paulo: Loyola, 2009, 209p.

GUELFY, Warniley Pedroso. **O ensino de sociologia no Brasil: trajetória de uma disciplina escolar no ensino médio**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 1-10. 2001.

JUNIOR, Edison Bariani. **A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos)**. Curitiba: CRV, 2012. 99p.

LEAL, Sayonara; YUNG, Tauvana. Por uma Sociologia do ensino de sociologia nas escolas: da finalidade atribuída à disciplina à experiência social do alunato. Estudos de caso no Distrito Federal. **Revista Sociedade e Estado**, v. 30, n. 3, p. 773-796, setembro/dezembro. 2015.

LIMA, Rogério Mendes de. A Sociologia no Ensino Básico: desafios e dilemas. In: HANDFAS, A.; OLIVEIRA, L. F. (Org.). **A sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 197-202.

MAFRA, Leila de Alvarenga. A Sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em reconstrução. In: CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira; ZAGO, Nadir (orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001. p. 109-136.

MARANHÃO, Secretária do Estado da Educação do Maranhão, SEDUC. **Diretrizes Curriculares**. 3 ed, São Luís, 2014. 107 p.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos**. 2000. 72 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

_____. Sociologia na educação básica no Brasil: uma balanço da experiência remota e recente. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 3, p. 251-260, setembro/dezembro. 2015.

MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/INEP. 2014. Resultado ENEM por escola. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/enem-por-escola>. Acesso em: 10/04/2017.

MORAES, Amaury. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cadernos Cedes**, 31, p. 359-382. 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. In: **Revista Educação & Realidade**, v. 31, n.2, p. 155-170, jul./dez., 2006.

OLIVEIRA, Amurabi. O Ensino de Sociologia na Educação Básica Brasileira: uma análise da produção do GT ensino de Sociologia na SBS. In: **Teoria e Cultura**, Pernambuco, v. 11, n. 1, p. 55-70, jan/junh. 2016.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. **Novos Estudos**, n. 27, 1990, p. 163-176.

PEROSA, Graziela Serroni; ROCHA, Maria Silva Pinto de Moura Librandi Da. Notas Etnográficas sobre a Desigualdade Educacional Brasileira. **Educação e Sociedade.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 425-449, maio/ago. 2008.

PROJETO DE LEI DO SENADO N° 74, 1974. Regulamenta a profissão de Sociólogo. Senado Federal, Brasília, 2 de agosto de 1974. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil-_03/decreto/1979/D72493.htm>. Acesso em: 10 de jun. 2017.

REFORMA JOÃO LUIZ ALVEZ. 2009. Reforma João Luiz (conhecida por Lei Rocha Vaz). Decreto N° 16.782 A – de 13 de janeiro de 1925. **História da Educação**, 13 (28): 253-290. Disponível em: seer.ufg.br/asphe/article/download/29024/pdf. Acesso em: 12/04/2017.

SILVA, Luciana Fiorelli. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MORAES, César Amaury. **Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010. p. 15-44.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. IN: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (orgs). **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 19-43.

REZENDE, Maria José de. As percepções sociais de estudantes do ensino médio de uma pequena cidade paranaense: uma leitura sociológica de suas experiências vividas. In. - _____; LIMA, Ângela Maria de Sousa; SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli **As persistentes desigualdades brasileiras como temas para o ensino médio**. Londrina: Eduel, 2011. p. 273-336.